

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

OS "RAMBURRADOS" DO TAPAJÓS

ELIZETE DOS SANTOS GASPAR

CAMPINA GRANDE
FEV/1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

OS "BAMBURRADOS" DOS TAPAJÓS

ELIZETE DOS SANTOS GASPAR
ORIENTADOR: JEAN HÉBETTE

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO CURSO DE MESTRADO
EM ECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍ
BA COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO GRAU DE MES-
TRADO EM ECONOMIA.

CAMPINA GRANDE

FEV/1990

- Trabalho: Subterrâneo (margem)
1. Garimpeiros (Tapajós, Alta Paranaíba)
 2. Garimpeiros - trabalhadores
 3. Economia



G249b Gaspar, Elizete dos Santos
Os bamburrados dos Tapajos / Elizete dos Santos Gaspar.
- Campina Grande, 1990.
142 p.

Dissertacao (Mestrado em Economia) - Universidade
Federal da Paraiba.

1. Trabalho Subterraneo - Amazonia 2. Garimpeiros -
Tapajos - Itaituba 3. Garimpo - Trabalhadores 4. Economia
5. Dissertacao I. Hebette, Jean, Dr. II. Universidade
Federal da Paraiba - Campina Grande (PB) III. Título

CDU 622.272(811.3)(043)

S U M Á R I O

Pag.

AGRADECIMENTOS

LISTA DE ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO..... 1

PRIMEIRA PARTE - "A PROBLEMÁTICA"

- I. DO PRECONCEITO AO CONCEITO: QUEM É O GARIMPEIRO? 13
1. DOS TEMPOS COLONIAIS AO CÓDIGO DE MINERAÇÃO..... 14
2. EXPANSÃO GARIMPEIRA NA AMAZÔNIA E O QUESTIONAMEN
TO..... 18
3. O FENÔMENO SERRA PELADA E PERCEPÇÃO DO MITO..... 21

SEGUNDA PARTE - "O GARIMPO DOS PRIMEIROS TEMPOS"

- II. DO TAPAJÓS DA BORRACHA AO TAPAJÓS DO OURO (1958/
1990)..... 30
1. O TEMPO DA BORRACHA..... 30
2. O TEMPO DO OURO..... 37

- III. A VIDA NO GARIMPO..... 41
1. OS TRABALHADORES DO GARIMPO..... 48
- 1.1 - DE SÃO LUIZ, AOS RIOS DAS TROPAS, CREPORI E
MARUPÁ..... 49
- 1.2 - DO CASEBRE URBANO AO BARRACO DO GARIMPO..... 54
- 1.3 - DE GARIMPO EM GARIMPO..... 56

1.4 - O ELO COM O MERCADO: O PILOTO DO TECO-TECO...	57
2. <u>A DIFÍCIL E INCERTA TRAJETÓRIA PARA O BAMBURRO..</u>	58
2.1 - TRABALHADOR DESDE CRIANÇA.....	58
2.2 - OS ANTECEDENTES DE TRABALHO.....	58
2.3 - A INICIAÇÃO AO GARIMPO.....	62
2.4 - A JORNADA DE TRABALHO.....	64
 TERCEIRA PARTE - "O GARIMPO NO TEMPO DO CAPITAL"	
IV. <u>A EXPANSÃO CAPITALISTA NA AMAZÔNIA.....</u>	71
1. <u>O PLANO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL E A AMAZÔNIA.....</u>	71
2. <u>AS REPERCUSSÕES NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA.....</u>	77
3. <u>AS TRANSFORMAÇÕES NO GARIMPO DO TAPAJÓS.....</u>	82
 V. <u>O GARIMPO SOB CONTROLE DO CAPITAL.....</u>	86
1. <u>O NOVO PROCESSO DE TRABALHO.....</u>	86
2. <u>A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO.....</u>	92
3. <u>OS SEGREDOS DO GANHO.....</u>	98
4. <u>AS NOVAS FORMAS DE SUBMISSÃO DOS GARIMPEIROS.....</u>	110
5. <u>O SINDICATO: DEFESA DOS TRABALHADORES OU DOS PA</u> <u>TRÔES?.....</u>	114
<u>CONCLUSÃO.....</u>	124
<u>REFERÊNCIAS SOBRE OS ENTREVISTADOS.....</u>	127
<u>GLOSSÁRIO.....</u>	131
<u>BIBLIOGRAFIA.....</u>	135

1º EXAMINADOR: - _____
(NOME, QUALIFICAÇÃO)

2º EXAMINADOR: - _____
(NOME, QUALIFICAÇÃO)

3º EXAMINADOR: - _____
(NOME, QUALIFICAÇÃO)

4º EXAMINADOR: - _____
ORIENTADOR (NOME, QUALIFICAÇÃO)

"Vida de garimpeiro é bastante difícil não é fácil. Pra falar a verdade, dá pra ir passando, vem do sonho de conseguir alguma coisa".

"Vale a pena trabalhar no garimpo, na realidade ganha dinheiro, uma vida um pouco sofrida mas garimpeiro é aventureiro, ele vai batalhar e consegue muitas vezes vencer".

"Trabalhar com ouro é bom pra gente ganhar dinheiro, ganha mais do que lá, é difícil, é pesado, eu mesmo quase morro de malária, mas graças a Deus já estou bom, tou trabalhando. O garimpeiro depende da sorte e graças a Deus é o que eu tenho muito".

(Garimpeiros dos garimpos do Tapajós)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível devido ao auxílio de amigos, de colegas, ao interesse que por ele manifestaram pessoas com as quais até então eu nunca tivera contato. As sugestões feitas por eles, o apoio recebido a cham-se presentes nestas páginas e a todos deixo aqui meu reconhecimento. Mas em especial cito o Professor **JEAN HÉBETTE** que, com dedicação, precisão e profundidade foi desvelando os pontos críticos na elaboração do trabalho, o que me permitiu chegar ao resultado final. Muitos problemas foram solucionados, outros não, por minha incompetência ou rebeldia. Merece especial registro a colaboração preciosa do Professor **RENÉ DE CARVALHO**. Os **garimpeiros do Tapajós** me revelaram suas histórias. Espero ter sabido ouvi-los; tudo isso foi um aprendizado. A eles dedico este trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS

- CEDI:-** Centro Ecumênico de Documentação e Informação
- CLT:-** Consolidação das Leis do Trabalho
- CPRM:-** Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
- DNPM:-** Departamento Nacional de Produção Mineral
- FAG:-** Fundação de Assistência aos Garimpeiros
- GIPCT:-** Grupo Interdisciplinar de Política Científica e Tecnológica
- IBGE:-** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA:-** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- SAVA:-** Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico
- SEMTA:-** Serviço de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia
- SUCAM:-** Superintendência de Campanha de Saúde Pública
- USAGAL:-** União dos Sindicatos e Associação dos Garimpeiros da Amazônia Legal

RESUMO

O estudo trata da realidade dos garimpeiros e tem como referência empírica os garimpeiros de Tapajós, no Município de Itaituba. Objetivando desmistificar quem são os garimpeiros, foi feito uma rápida revisão bibliográfica de como os diversos segmentos da sociedade vêem esses trabalhadores. A segunda parte, contém uma abordagem detalhada da cidade de Itaituba, e registra o que a descoberta do garimpo significou para a classe trabalhadora, estabelecendo um perfil dos primeiros garimpeiros. O período analisado coincide com o período de aceleração da política econômica desenvolvimentista de ocupação da Amazônia. A partir daí, a análise principal do grupo garimpeiro abordou as implicações que as novas mudanças têm com relação ao garimpo na sua produção e reprodução. A análise das entrevistas reflete o contexto garimpeiro da Amazônia, suas carências, sua alienação social e exploração no trabalho e a multiplicidade de agentes sociais envolvidos conforme seus projetos de reprodução.

RÉSUMÉ

La présente étude concerne la situation réelle des chercheurs d'or en prenant comme référence empirique les chercheurs d'or du Tapajos, dans la Commune de Itaituba. En vue de détruire le mythe du chercheur d'or comblé par le sort, on a dressé une brève révision bibliographique à propos de la vision qu'ont les différents groupes sociaux, de ces travailleurs. Une seconde partie décrit en détail la Ville de Itaituba et explique ce que signifia pour les travailleurs la découverte du garimpo, en traçant un portrait des premiers garimpeiros. La période objet d'analyse coïncide avec celle de l'accentuation de la politique économique qui visait le développement par l'occupation de l'Amazonie. Ensuite, l'analyse se concentre sur les impacts des nouvelles transformations sur la production et reproduction du garimpo. Les témoignages recueillis reflètent le contexte du Garimpo en Amazonie, ses carences, son aliénation sociale, l'exploitation du travail et la multiplicité des agents sociaux impliqués, selon leurs projets de reproduction.

INTRODUÇÃO

Se a expressão de "bamburrados do Tapajós", que serve de epígrafe a este trabalho, pode indicar um todo uniforme, escamoteando a verdadeira natureza da categoria, ela tem aqui, o sentido de identificar aqueles que nunca bamburraram, mas têm a ilusão de, um dia, ter sorte e bamburrar. O objeto de estudo desta pesquisa é, pois, os garimpeiros do Tapajós, aquela maioria que jamais bamburrou e jamais bamburrará; a dimensão espaço-temporal, abrange os garimpos do Rio Tapajós, da descoberta do garimpo em 1958 até o momento atual, ou seja, 32 anos de atividades garimpeiras. O objetivo principal é a compreensão dos processos, que levaram ao engendramento desse grupo social e à sua posição, no seio da sociedade tapajônica.

Os garimpeiros do Tapajós, genericamente falando, são trabalhadores pobres, expulsos de outros ramos de atividade, geralmente da agricultura, analfabetos, frequentemente até miseráveis. Vivem na "marginalidade", sem proteção de leis trabalhistas. Objeto de estudo bastante problemático, não costumam povoar as preocupações dos pesquisadores. Excetuando alguns trabalhos, mais diretamente voltados para os aspectos técnicos dos garimpos, torna-se difícil reunir títulos, que tratem especificamente da população garimpeira.

Como explicar essa ausência?

É realmente difícil se chegar nos garimpos, principalmente do Tapajós, pela peculiaridade de sua localização que, por falta de acesso, via terrestre ou fluvial, obriga ao uso intensivo do avião. Como realizar uma pesquisa neste garimpo? Somente com a colaboração do dono do garimpo, pondo em risco, muitas vezes, a objetividade da pesquisa. Essa dificuldade se acrescenta à ausência, acima mencionada, de referência sobre os garimpeiros na literatura especializada. Não existe registro dos garimpeiros que estão naqueles garimpos. Quantos são...? quem são...? de onde vieram...? Nem o Censo Demográfico do Pará os tem registrados. A Superintendência da Campanha de Saúde Pública - SUCAM, se arrisca a dar alguns dados, pelos registros de casos de malária. Em muitos garimpos, a SUCAM nem consegue entrar, de maneira a não concorrer com a farmácia local, no combate à malária. O Sindicato dos Garimpeiros, fala em 150.000 mas nem todos os garimpeiros são sindicalizados e seu número de associados evolui constantemente.

Se calcularmos pela quantidade de máquinas que existem em cada garimpo, (80.000) e considerarmos, que, em cada máquina, trabalham 6 homens, teríamos um total bem próximo da realidade, atingindo centenas de milhares.

Por que uma quantidade tão expressiva de trabalhadores é deixada de lado pelos pesquisadores? Não existiria interesse, nem prático nem teórico, por tal grupo?

É verdade que esses garimpeiros do Tapajós nunca produziram um movimento social, nem provocaram manifestações comparáveis às dos garimpeiros de Serra Pelada, que pudessem chamar atenção dos estudiosos. Não conseguiram se organizar como categoria, em contraposição aos movimentos organizados por patrões que os utilizam como massa de manobra, para defender seus próprios interesses.

Esta extrema reserva com relação aos garimpeiros, se explicaria somente pelo difícil acesso aos garimpos?

É difícil não colocar a questão em termos ideológicos, mesmo porque "a ideologia oficial cultiva e difunde o fetichismo do ouro ressaltando-lhe a opulência e banalizando a miséria dos que produzem a riqueza" (ROCHA, 1984:8).

De fato o sociocentrismo da classe dominante - como já assinalara GRAMSCI (1966) preocupado com os grupos dominados - exclui a priori os dominados do campo dos problemas relevantes.

Este trabalho busca ao contrário, dar uma importância teórica a esse grupo de trabalhadores, - totalmente despojados dos meios de produção e do produto do seu trabalho, desprovidos de consciência de classe e de organização como trabalhadores. Não poderíamos deixar aberta esta lacuna.

Esses bamburrados do Tapajós, que deixam talvez uma impressão inicial homogeneizadora vão ser, aos pou

cos, caracterizados e diferenciados nas páginas deste trabalho.

Os primeiros garimpeiros do Tapajós, são, na maioria, nordestinos que vieram para a região como soldados da borracha, em 1942. São pessoas simples, mas suas palavras estão cheias de sabedoria. A luta pela sobrevivência e a constatação das suas realidades, lhes trouxeram muitas lições. Esses homens hoje vivem na miséria em Itaituba. A recriação do sonho de bamburrar no garimpo não dói tanto, como o abandono deles na região depois da guerra. Até hoje eles esperam que o Estado os indenize como soldados da borracha. Os garimpeiros atuais diferem talvez dos primeiros, pela característica com que os marca o processo de trabalho, mas lhe são unidos nos aspectos fundamentais. As condições de trabalho, e a exploração entrelaçam seus destinos, como veremos neste estudo.

Analisamos no primeiro capítulo, a visão do que entendemos por garimpeiro e tentamos desmistificar esta imagem que a ideologia tenta passar para a sociedade: de que no garimpo todos podem se dar bem. Tendo em vista a escassez de trabalhos científicos sobre esta categoria de trabalhadores, tentamos trabalhar com ^o que existia na imprensa escrita, alguns documentos oficiais e a partir daí, montar as informações para este primeiro capítulo. Mesmo na Literatura nacional, não é tão frequente os trabalhos sobre os garimpeiros, se tem encontrado sobre "mineiros" e cidades mineiras com características diferen

tes. Mesmo assim, essas fontes foram utilizadas.

A segunda parte do trabalho, trata do período da descoberta do ouro, por conseguinte da tentativa de descobrir, que eram os primeiros garimpeiros que trabalharam inicialmente nos garimpos do Tapajós, como se dava sua reprodução, o que eram as relações de trabalho e quais as condições de produção.

Torna-se importante retratar, ainda que sumariamente, o contexto histórico (ou como foi definido historicamente) em que se deu esse processo de garimpagem, a fim de perceber as transformações históricas dos trabalhadores da Região do Tapajós, a partir da década de 50, vindo a formar uma produção garimpeira naquela região. Desse período de 1958/1970, considerado fundamental para caracterização dos garimpeiros, abordamos os seguintes pontos: uma descrição inicial da Cidade de Itaituba e do garimpo, com a intenção de situar o cenário onde se constituiu o garimpeiro estudado (Tapajós) e a conjuntura sócio-econômica e política em que surge. A origem, o recrutamento e a seleção dos trabalhadores como um fato social importante. Havia uma convergência de interesses entre os patrões e os trabalhadores mas ao mesmo tempo existia uma oposição de classes, o processo de trabalho, bem como o aspecto social desse trabalho, que acirra as contradições entre os dois parceiros (patrão e trabalhador).

A descoberta do garimpo marca uma nova era para

os trabalhadores da Região do Tapajós.

"O garimpo foi um achado para nós": assim os primeiros garimpeiros o definem, se referindo ao início do garimpo. Se, de um lado, o garimpo se apresentava como a salvação da classe trabalhadora, que se mantinha as duras penas nos seringais, por outro lado, apenas a forma de exploração se alterou; praticamente houve uma continuidade da época dos seringais.

Na 3ª parte do trabalho consideramos uma fase de transição, mas de extrema importância. Expressa a contínua modificação por que passou a região, como resultado da política de Integração. O garimpo passa por significativa transformação assim como toda a região. A população garimpeira cresce assustadoramente. Se, até a década de 60, a população garimpeira se mantinha estável e a maioria dos garimpeiros era constituída de trabalhadores da região, ou seja, das Cidades de Itaituba e Santarém, nas décadas de 70 e 80 a situação muda completamente. A população garimpeira passa a se constituir por 70%, de pessoas de fora, mais especificamente maranhenses. Daí em diante, esse grupo passa a conviver com outros parceiros; novas técnicas; novas organizações sociais da produção. Observa-se claramente, a partir desse período, a reorganização das formas de apropriação/dominação. Os patrões começam a se organizar como classe, legitimando sua atividade, resguardando seus direitos sobre jazidas e benfeitorias. Para isso requereram Alvará de Pesquisa Mi

neral junto ao DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), direitos de posse junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Todas essas mudanças influenciaram profundamente as feições do garimpo do Tapajós.

Mas essas mudanças, ou seja, a expansão do capital no garimpo, se aprofundam agora de forma mais sutil, pelas características históricas da região, as contradições sociais, que se traduzem nos altos índices de violência em todos os sentidos.

Na 4ª parte do trabalho, serão exploradas as mudanças que ocorrem no processo de trabalho e particularmente os novos critérios usados no garimpo, para remuneração e diferenciação interna dos garimpeiros; tema por eles próprios privilegiados quando relatam a presente etapa nas suas histórias de vida ao mesmo tempo que comentam o crescimento dos garimpos.

Na tentativa de entender como se efetivam as relações sociais no garimpo, como se conformaram essas relações e quais os mecanismos utilizados pelos patrões, partimos para uma pesquisa de campo cuidadosa. Nela, patrões e garimpeiros relataram sua história de vida. A análise destas informações nos levou a uma reflexão sobre o garimpo e os garimpeiros do Tapajós. As relações sociais de produção embora tenham mudado de feição, atualmente, continuam da mesma natureza. Modificou-se a divisão do trabalho e em consequência, as relações e os conflitos

dentro dos garimpos.

O garimpo do Tapajós é um caso típico desde a sua descoberta e as sucessivas fases de mudança como garimpo. A observação dessas mudanças é importante no estudo dos garimpeiros.

O CONTEXTO OPERACIONAL DE PESQUISA

Neste trabalho, garimpeiros são escolhidos como informantes privilegiados da sua história. Através de consultas orais e impressas sendo o material bibliográfico constituído de jornais, revistas, relatório do DNPM, atas de reuniões da Câmara de Vereadores de Itaituba, obras especializadas, etc... Paralelamente, a pesquisa foi precedida também de um amplo estudo teórico no campo da sociologia, da antropologia e alguns tópicos de economia enfatizando abordagens sobre a classe trabalhadora. A bibliografia se encontra citada ao longo e ao final do trabalho. Decidimos escrever sobre os garimpeiros pela voz de seus agentes, resgatando revelações que o tempo estava consumindo. As citações muitas vezes foram extensas não provocando análises pormenorizadas. Procuramos, entretanto, utilizar de forma sistemática e coerente os dados julgados mais relevantes. Na primeira etapa do trabalho, a pretensão foi modesta: restringimos a ouvir e recuperar aqueles colocados à margem pela história oficial, permitindo que falassem de seu trabalho, sua

vida, seus sentimentos.

As entrevistas não foram estruturadas, a fim de permitir um contato mais dinâmico e possibilitar ao entrevistado um maior grau de liberdade em suas declarações. Fugindo à rigidez, elaboramos apenas um roteiro que possibilitasse a comparação dos dados coletados.

A partir de contatos preliminares que visavam expor o motivo da pesquisa, foram feitas algumas viagens à Itaituba, para estes primeiros contatos e tentar viabilizar nossa ida ao garimpo. Fizemos apenas duas viagens ao garimpo. Na primeira ficamos uma semana, e na segunda vez um pouco mais. É importante esclarecer que pelo fato de ter nascido em Itaituba e conservar no local uma vasta rede de parentesco, levantamentos anteriores vinham sendo feitos esporadicamente. O trabalho de campo propriamente dito foi feito em seis meses.

Foi escolhido como unidade de pesquisa um dos garimpos da região: o Tauari, é um dos garimpos mais distantes de Itaituba. Mas foi o único que nos permitiu ficar mais tempo. Também é um garimpo antigo e onde se pode seguir todos os passos de mudança no processo de trabalho.

Num total de 50 entrevistas, houve uma tentativa de ouvir as histórias dos garimpeiros. Uns foram entrevistados em Itaituba no posto da SUCAM, nas agências que os embarcam para os garimpos e nas pensões. Foi ouvido

também alguns patrões, donos de garimpo, gerente de garimpo, pilotos que voam para os garimpos, o presidente da USAGAL, o presidente do Sindicato dos Garimpeiros, antigos moradores de Itaituba, alguns geólogos do DNPM, com a finalidade de, através de suas informações, entender-se o grupo em questão de outro ponto de vista e esclarecer alguns aspectos técnicos. Além disso, antigos garimpeiros que hoje estão fora do garimpo morando em Itaituba foram obrigatoriamente somados no total, seja pela importância objetiva desses protagonistas da história, seja para perceber se há variações de sua percepção da experiência vivenciada.

No trabalho de campo propriamente dito foi adotado, além da entrevista aberta, o diário de campo como forma de registro do vivido e observado.

O êxito dessa etapa da pesquisa se deve a uma série de colaborações de pessoas amigas, inicialmente, facilitando a entrada ao garimpo, conseguindo carona, facilitando o acesso aos garimpeiros dentro do garimpo. Em nenhum momento houve qualquer dificuldade interferindo no andamento do trabalho. Alguns garimpeiros foram contactados e entrevistados no horário de refeição, lá no baixão, o que foi facilitado pelo dono da máquina. No entanto, a maioria deles foi abordada em Itaituba no posto da SUCAM, onde se tratavam de malária.

Na maioria das vezes, foi usado o recurso do gravador, sempre com a permissão dos entrevistados. Não houve

nenhuma recusa. Nos comprometemos guardar o máximo de fi
dedignidade ao depoimento dos informantes, no sentido de
que a análise de suas representações constitui o foco do
trabalho.

Foi feito também um levantamento do material bi
bliográfico referente a Cidade de Itaituba, na agência
do IBGE que fica em Santarém, e na Prefeitura Municipal.

As transcrições das fitas gravadas foram feitas
na íntegra e a classificação dos dados fêz-se a partir
da relevância estabelecida pelos atores sociais e pela
incidência de ênfase em determinados aspectos da realida
de. A partir daí foi possível perceber alguns aspectos
que permitam fluir a análise como processo de trabalho.

A citação de depoimento omite o nome do entrevis
tado em virtude de compromisso assumido durante a pesqui
sa.

Esperamos com este trabalho oferecer uma contri
buição à discussão da questão garimpeira que ainda é in
cipiente na região.

PRIMEIRA PARTE

"A PROBLEMÁTICA"

I. DO PRECONCEITO AO CONCEITO: QUEM É O GARIMPEIRO?

"... a CLT dos garimpeiros é a lei do mais forte. Garimpo foi feito para os valentes, para os homens sem piedade. Qualquer sentimento mais frágil é incompatível com a vida do garimpeiro".

(Programa da festa de Sant'Ana, em Itaituba, 1977)

O depoimento acima redigido por um antigo morador de Itaituba, extraído do programa da festa da padroeira, reflete bem a ambigüidade de sentimentos da população de Itaituba com relação ao garimpeiro; mesmo que o garimpo do Tapajós, no início, tenha se constituído de trabalhadores locais, como vimos no primeiro capítulo, para a sociedade local, a atividade garimpeira revolucionou suas redes de relações. O garimpo proporcionou a "invasão da cidade" por aventureiros.

Mas esta ambigüidade em relação aos garimpeiros, vem desde a época do Brasil colônia; o garimpeiro sempre foi considerado um aventureiro, um fora da lei, um desclassificado, mesmo que a realidade evidencie o contrário, como é o caso dos garimpeiros da Amazônia; a classe dominante do Brasil colônia propiciou que outros construíssem um juízo sólido a respeito do garimpeiro. Tão sólido que perpassou séculos, pois ainda é assim que a sociedade atualmente os vê.

A partir de 1958, impõe-se no Tapajós este personagem do garimpeiro, que vai ter um papel extremamente peculiar, ao nosso contexto amazônico. Quando se fala de garimpeiro na Amazônia, a tendência é cair na generalização estimulada pela aura de mistério, de lendas, de aventuras que envolve o mundo do garimpo. A verdadeira figura do garimpeiro continua desconhecida e até a origem de seu nome fica imprecisa.

1. DOS TEMPOS COLONIAIS AO CÓDIGO DE MINERAÇÃO

Segundo Aurélio Buarque de Holanda, o vocábulo garimpeiro origina-se de grimpa, o ponto alto das serras: o garimpeiro é aquele que sobe monte ou serra alta. Ao que tudo indica, a conexão com grimpa deve-se ao fato da procura do ouro e da gema ter iniciado, no Brasil, em lugares ermos e altos. Define-se assim garimpeiro, aquele que anda à cata de metais e pedras preciosas no amplo sentido. O fato desses lugares dificilmente acessíveis serem cheios de esconderijos, acrescenta ao termo uma conotação de ilegalidade ou até de crime. Temos que considerar um fator histórico importante: durante muito tempo, garimpar foi proibido e, por causa disso, garimpeiros somente exerciam trabalho clandestino, vivendo quase que a margem da sociedade.

Para PRADO Jr., o caráter de semi-marginalidade é associado à rigidez da estrutura de classe da sociedade colonial. No decorrer do processo de colonização, pois, as categorias sócio-econômicas fundamentais eram bem de finidas: senhores, escravos; mas formaram-se, aos poucos, outras categorias, que não eram de escravos nem podiam ser de senhores. Para eles, não havia lugar no sistema produtivo da colônia (CAIO PRADO Jr., 1969: 333). Dessa forma, garimpeiro, no parecer discutível daquela época segundo CAIO PRADO, seria o conceito adotado para indicar os homens que se escondiam nas serras, para retirar clandestinamente o ouro e diamante das lavras cedidas aos senhores. Opunha-se, de maneira excludente, a mineração legal dos senhores e a clandestina dos garimpeiros. "Define-se assim pela primeira vez na história o sistema minerário dicotômico que prevalece até hoje no país, apesar das mudanças que o tempo impôs: de um lado a mineração organizada, representada pela alta capacidade produtiva e econômica e inteiro ajuste à lei, de outro o garimpo exercido ilegalmente por mestiços, negros, alforriados, aventureiros" (SALOMÃO, 1984).

Engendrados por uma sociedade onde os extremos da escala social eram claramente configurados, estes homens, segundo ainda PRADO Jr., sem possuir uma estrutura social configurada, "caracterizavam-se pela instabilidade, pelo trabalho esporádico, incerto e aleatório" (CAIO PRADO Jr., 1969: 335).

Pelo que parece, desde os primeiros tempos no Tijuco, arraial mineiro do Brasil-Colônia, o garimpeiro já era um personagem maior desta história: "o grupo dos garimpeiros foi um dos mais solidários de que se teve notícia no período colonial. Especialmente atingidos pelos rigores do fisco e pelo mau funcionamento da estrutura econômica, o garimpeiro era em geral um homem pobre. A memória coletiva parece ter registrado com simpatia e solidariedade a figura do garimpeiro" (MELO E SOUZA, 1986).

Personagem presente na nossa história desde o início da colonização, sua gênese e desenvolvimento tiveram características gerais comuns.

O conceito pejorativo ou preconceito do garimpeiro sobrevive até os tempos atuais. O Código de Mineração de 1967 no Art. 70, define atividade de garimpagem (faiscação e cata) como um tipo de exploração mineral, realizada com técnicas rudimentares por indivíduos isolados. Isto é, uma atividade autônoma, realizada individualmente por conta própria. Sendo assim, os garimpeiros comporiam um grupo social homogêneo, e aqueles que, não estiverem ligados às atividades de garimpagem, não se enquadrariam nesta classificação. Tudo leva a crer que "não é captada isoladamente a imagem do garimpeiro, na sua tradicional concepção de faisgador solitário, restrito à lavra manual; são milhares de trabalhadores, na verdade "operários" dos garimpos; a despeito de responsáveis pela produção de 15 toneladas de ouro (1º semestre de 1983),

não foram objeto de legislação adequada. É sob esta ôtica e a partir de então que fica mais claro perceber que o conceito "garimpeiro" não dá conta da realidade que representa" (MARTINS, 1984).

Endossando-se a idéia de que o conceito "garimpeiro" está muito aquém da realidade, em relatório do Grupo Interdisciplinar de Política Científica e Tecnológica do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos conclui que: "a superação da visão romântica ou distorcida do garimpo sugere que seja situado no contexto mais global da economia e da sociedade e em relação ao marco do desenvolvimento da região e do país" (GIPCT - NAEA/UFPa., junho, 1986).

Conceitos como estes, funcionam como mecanismos de reforço, para escamotear a dimensão que assumiram na Amazônia os garimpos de ouro em nossos dias, os complicados problemas que vêm apresentando e a importância social da população envolvida.

Através destas visões de garimpo, "contada em prosa e verso, a idéia que se tem do garimpeiro é de um tipo social aventureiro, cujo objetivo fundamental na vida é tornar-se rico, jogando com o trabalho, mas essencialmente com a sorte(...). A idéia de aventura ligam-se outras idéias correlatas: o garimpeiro é livre, rebelde, sem família, farrista, tendo obtido dinheiro fácil; não tem racionalidade no uso do mesmo" (Cadernos do CEDI II, jun. 1983).

2. EXPANSÃO GARIMPEIRA NA AMAZÔNIA E O QUESTIONAMENTO

A corrida para os garimpos não se explica evidentemente apenas pela ambição do enriquecimento rápido e fácil; passa por outras questões como a situação da agricultura na região. "Boa parte dos garimpeiros é constituída por esses camponeses supostamente acomodados e pacatos que, por falta de uma verdadeira reforma agrária, negada pela sociedade, não encontram, nas condições atuais da pequena produção agrícola, o sustento de sua família; a maior parte deles são adolescentes de até 14 ou 15 anos, ou jovens adultos expulsos do processo produtivo agrícola. Muitos são nordestinos: vêm do Maranhão, do Piauí e Pernambuco, rejeitados pelo latifúndio" (GIPCT - NAEA/UFPa., jun. 1986).

Observa-se que alguns pesquisadores e estudiosos da região, têm se preocupado em desvendar a realidade dos garimpeiros ou seja mostrar o outro lado, bem menos romântico: "são meros empregados de uma recente classe de patrões que os mantêm sob condições selvagens de exploração" afirma SALOMÃO (1984). Outro completa, "o trabalho autônomo que caracteriza o garimpo transformou-se em relação assalariada: apenas 10% da população da Serra Pelada permaneceu na condição de "meia praça". O restante trabalha sob um regime de escravidão disfarçada" (PINTO, out. 1985). Para PROCÓPIO (1984), "no antro da violência e cobiça que são as minas, os garimpeiros nada mais significam que instrumento da política de acumulação

do nosso capitalismo dependente. São levados para lá pelo desemprego e pelo desestimulante trabalho na atividade agrícola. Por isto, enquanto não houver uma política agrícola adequada e racional, enquanto não forem democráticas as igualdades de chances no país, continuará significando o garimpo esperança para os degradados filhos do capitalismo periférico" (PROCÓPIO, 1984).

Estas preocupações em desmistificar o preconceito do garimpeiro numa área de fronteira, ainda são incipientes e encontram no subconsciente social e nas mídias, resistência para contraporem-se às mensagens distorcidas que os meios de comunicação passam. Coerentemente com a afirmativa de QUIJANO (1978) "sabe-se que o sistema de controle dos meios de comunicação reproduz amplamente as clivagens dominantes do sistema sócio-econômico global".

Parece-me que existem duas fases históricas bem delineadas, no que diz respeito à compreensão que se tem da garimpagem na Amazônia. Na primeira fase, o garimpo como o do Tapajós, se desenvolveu naturalmente e, segundo os garimpeiros mais velhos, produziu toneladas de ouro e mesmo assim se manteve desconhecido por quase 20 anos para a maioria do país. Não havia interesse em divulgá-lo. Enquanto que, na outra fase que começa a partir de 80, com a abertura de Serra Pelada, os jornais e revistas lançavam notícias fantásticas da extensão e riqueza do garimpo e todo país tomou ciência. "De repente, todos descobrem que existe no interior do país uma desco

munal força de trabalho, capaz de produzir em trinta dias uma tonelada de ouro, materializando o dito bíblico de enormes montanhas covas fê no bamburro e a energia do braço" (SALOMÃO, 1982).

Pessoas como José Altino e outros que são empresários do garimpo medem perfeitamente a dimensão do pre conceito e se sentem na obrigação de corrigi-lo.

José Altino, como Presidente da União das Associações de garimpeiros da Amazônia Legal enfatiza a visão dos garimpos para classe patronal, em uma entrevista ao Jornal do Brasil.

"1980 a 1985 a garimpagem na Amazônia passou de 250 mil pessoas para 400 mil pessoas e hoje são mais de 600 mil(...). Nós fizemos a reforma mineral antes da Reforma Agrária. Sem recursos da lei, com recursos da ocupação(...). Há cinco milhões de pessoas envolvidas com o extrativismo mineral(...) a moeda que nós usamos não é a mesma que o Brasil utiliza, enquanto o povo brasileiro está no sacrifício do cruzado do Sarney, nós estamos usando o dourado do tempo do Faraó. Mesmo na época do fracasso do cruzado, quando faltou tudo no Brasil, não faltou nada no garimpo: poder aquisitivo altíssimo, que compra tudo o que precisa, porque se não comprar pára".

(Jornal do Brasil 1º cad. pg. 12, 15/11/87)

3. O FENÔMENO SERRA PELADA E PERCEPÇÃO DO MITO

A descoberta da Serra Pelada, em 1980, e as incríveis façanhas que a Serra testemunhou, marcaram um novo tempo na revelação do garimpo. Revelação da dantesca realidade vivida pelo peão do garimpo mas, também, manipulação cínica do milagre do bamburro.

"Há ouro na Amazônia, e uma parte dela foi descoberta. Dos áridos barrancos de Serra Pelada, ao Sul do Pará, perto de Marabá saem no momento 26 quilos de pó e pedras amarelas por dia(...). Desde fevereiro, o murmúrio começou a correr pelo mundo do garimpo, chega-se ao Araguaia com uma só idéia: bamburrar, expressão que os garimpeiros usam para designar o enriquecimento com o ouro".

(Veja, pg. 81, 11.06.80)

Para KOTSCHO (1984) vem para o garimpo um novo tipo de homens:

"... A seca do Nordeste, as enchentes na Amazônia e a recessão econômica empurraram para os garimpos largos contingentes populacionais sem alternativa de sobreviência. Antes, só os aventureiros propriamente ditos vinham para Amazônia, sonhando em "enricar" da noite para o dia".

Só concordamos em parte com esta afirmação e discordamos totalmente quando KOTSCHO afirma que, antes de Serra Pelada, só os aventureiros vinham para Amazônia. Como o próprio KOTSCHO informa, em verdade esta questão

dos garimpeiros numa área de fronteira é muito complexa. Faz-se necessário uma análise na agricultura brasileira e uma análise do capitalismo na região.

Por certo, estas notícias um tanto quanto fantasmáticas, contribuíram, por um lado, para que parte da sociedade reforçasse sua visão distorcida do "garimpo" e do "garimpeiro": "os meios de comunicação possuem uma tal difusão social e demográfica que mesmo aqueles que não têm trabalho, nem rendimento nem disposição de bens e serviços indispensáveis, não podem escapar-lhes" (QUIJANO, 1978). Creio poder dizer que estas notícias eufóricas do garimpo, mais especialmente de Serra Pelada, tenham sido grandemente responsáveis por uma manipulação "autoritária" da estrutura social na medida em que uma das visões possíveis da sociedade foi oferecida como "a" visão da sociedade, a que mais acertadamente reflete a estrutura social, no caso, de riqueza fácil para todos. Entretanto, e isso é o outro lado da questão, a comunicação de massa "marca o tempo em que se começou a desvendar para toda sociedade, o garimpeiro e seu habitat" (SALOMÃO, 1984). Como todo acontecimento, como todo fenômeno social, o garimpeiro é suscetível de interpretações contraditórias; neste sentido, ao mesmo tempo em que as mídias revelam aspectos da realidade, revelam também os interesses antagônicos envolvidos nesta realidade: O mito se dissolve em má fé ou em consciência crítica?

Ao apresentar o documentário "O ouro submerso da

Amazônia", o comentarista se expressa:

"A saga dos garimpeiros-mergulhadores, aventureiros nômades que, no meio da selva amazônica, extraem ouro dos barrancos submersos do belo e traiçoeiro Rio Tapajós(...). Um filme verdade, documento fiel da mais criativa e original forma de garimpo do mundo atual(...). Para conceber este documentário, seu autor (HARRY ZALKOWITSCH) pesquisou durante três meses este mundo sui generis, desde a Cidade de Itaituba, último posto de civilização na Amazônia setentrional, ponto vital estratégico para a aventura do ouro, até as pequenas clareiras abertas na imensidão da selva, os acampamentos dos garimpeiros-mergulhadores(...). Ambição, destemor, crueldade, cobiça, solidariedade, espírito de aventura, todos estes sentimentos são vivenciados pelos pilotos de monomotores, trapaceiros, vendedores ambulantes, cozinheiras, barqueiros, ex-executivos da cidade grande, donos de pista de aviação, prostitutas, comerciantes, jogadores, esta fauna humana, serão todos atores secundários do drama estrelado pelo garimpeiro-mergulhador protagonista da grande aventura de nossa época" (LUXO, 1986).

Por outro lado, outros problemas que envolvem o garimpo, também têm chamado a atenção da imprensa, como a própria destruição física do homem no garimpo. Numa reportagem recente, Fernando Gabeira fala da morte de duas mil pessoas no garimpo de mergulho, no Estado de Rondônia; o título do artigo é: "O garimpo luta sob as águas do Madeira". Diz o seguinte:

"Os mergulhadores que trabalham no garimpo do Ma deira, a mais ou menos duas horas de distância de Porto Velho, são aproveitados sem nenhum treinamento. O único critério é que sejam for tes e corajosos para enfrentarem os perigos do fundo do rio(...). Embora o Departamento Regio nal do Trabalho de Rondônia não tenha cataloga do todos, calcula-se que há um número de três mil mergulhadores operando na região. A maioria deles trabalha diretamente com mercúrio e está sujeito a várias doenças, principalmente cân cer(...). O Sindicato pretende pressionar o Go verno de Rondônia e o Ministério do Trabalho, pois seu documento, embora tenha sido enviado também para os setores oficiais, indica os dois como responsáveis pela mortandade dos mergulha dores(...). Com essas e outras credenciais os mergulhadores brasileiros vão tentar convencer o governo a se dirigir aos que são incorporados selvagememente à profissão"

(Folha de São Paulo, 24.04.88)

Dentre os jornalistas que escreveram até este mo mento, sobre o outro lado do Eldorado, talvez tenha sido o paraense Lúcio Flávio Pinto, o primeiro a formular a crítica a este equívoco, num artigo intitulado "As dúvi das da Serra":

"Sem juízo e sem justiça a Serra se ressente co mo toda a Região do Pará onde se revela a ocor rência de minérios de boa lavra, ou minério à flor da terra, de coisas que signifiquem menos palavras e mais ação. A começar de uma defini ção de política minerária. Não existe: a mera

reivindicação de ajuste de repasse de tributo para o Estado onde se localiza a mina não é suficiente para corrigir a verdadeira casa-de-mãe-joana em que transformaram os territórios de garimpagem. Quem não vê é porque não quer ver, e quem não ouve é porque não quer ouvir, tantas e tão amiudadas foram as críticas, propostas, projetos, presunções, acusações, defesa em torno da situação dos garimpeiros, dos mineiros, dos concessionários de lavras, das empresas de mineração, das estatais e das multinacionais(...). Sobre a Serra, muito já se disse e já se fotografou, reportou, narrou, contou e criou. Mas do que existe por detrás dessa capa, ou seja: o que é que a Serra tem de fato além da agonia dos homens, da riqueza de alguns e a manipulação em torno de um problema social que ali se estabeleceu, é uma questão incôgnita para a maioria da população. E até mesmo, para quem lida diretamente com informações".

(PINTO, out. 85)

O que cada vez mais transparece para o leitor ou telespectador atento, é a heterogeneidade do garimpo. Os repetidos e graves conflitos registrados na Serra Pelada deixaram vir a tona as diferenças, as clivagens, as contradições que permeiam a organização social do garimpo. Lúcio Flávio Pinto escreveu um artigo onde procura ser muito claro a respeito das pessoas que estão naquele garimpo; parece até que numa tentativa de esclarecer de vez quem é quem.

"Em Serra Pelada o único garimpeiro criado por lei é mantido pelo contribuinte brasileiro. Ali é considerado garimpeiro tanto o secretário geral do Sindicato, Milton Gatti, o homem mais rico de Serra Pelada, dono de fazendas e postos de gasolina, que fornece para 160 barrancos, como Jesus Pinheiro, o ex-assessor pessoal do então Ministro das Minas e Energia César Cals, que possui quatro barrancos em posição privilegiada. Uma relação de detentores de barrancos, que estão por trás de milhares de "saqueiros", "meia-praça" e "testa de ferro", surpreenderia mais do que a lista de doações dos banqueiros do jogo do bicho(...). Para o formiga, o homem que escava o fundo do buraco e carrega a terra nos ombros, o "bamburro" de ouro é uma possibilidade tão plausível quanto ganhar o grande prêmio na loteria esportiva. Aumente ou diminua a produção, para esse enorme contingente flutuante, que já chegou a reunir mais de 50 mil homens, trabalhar ali rende um prato de comida a 20 cruzados por cada saco de terra(...). Homens como o Gatti, são tratados imprópriamente como garimpeiros. Eles pertencem a uma casta de não mais do que 100 "capitalistas", a qual se agregam os fornecedores, nem sempre diferenciáveis uns dos outros, como acontece com o próprio Gatti e Victor Hugo. Chegam a participar, com percentagens, de dezenas de barrancos(...). Os verdadeiros garimpeiros, no significado original da palavra, são hoje "formigas": raros - mais de 90% num universo de 40 mil homens conseguiram manter-se como produtores autônomos, transformando-se - por força de alta especulação havida em Serra Pelada - em assalariados sem vinculação empregatícia e sem qualquer das vantagens que o direito social confere a outros trabalhadores. Vivem

na expectativa do "bamburro" a grande descoberta, cada vez mais rara num garimpo que só produz menos de uma sexta parte das 13 toneladas recordes alcançadas em 1983".

(Jornal Pessoal, Jan. 1988)

Até aqui, ficou dito que os estudiosos da região e a imprensa têm escrito sobre o garimpeiro ou quem seja o garimpeiro; a percepção de uns se apresenta clara, de outras vaga e imprecisa. Como contrapartida desta imprecisão, o número de garimpeiros está aumentando na região; é um sujeito concreto. Mais um motivo para se acreditar na inversão ideológica operada através da visão que estes conceitos distorcidos conferem à sociedade. Como foi dito acima, estes conceitos e a sua generalização servem de mecanismo de reforço para perpetuar um estado de coisas que interessa tanto ao Estado como a uma parcela da sociedade. Tanto um, como o outro é o mando que se legitima, igualando as diferenças e ao mesmo tempo, acentuando-as; é o poder que se faz legítimo por conferir um espaço às populações e simultaneamente mantê-las à distância. Um reforço a esta análise são:

"Os conflitos recentes pela posse do próprio garimpo de Serra Pelada, envolvendo os interesses dos chamados garimpeiros, mas que na verdade são apenas os bamburrados da Serra, contra os interesses da Vale do Rio Doce e outros grupos econômicos, deixa claro que os operários "formigas" do garimpo, como os posseiros da terra, são protagonistas em um mesmo palco onde a riqueza gera

a pobreza e onde o poder gera a injustiça e as grandes vítimas, como sempre, são a natureza e os homens deserdados".

(GUERREIRO, 1984:94)

O estudo do garimpo tapajônico, que constitui o objetivo específico desta dissertação, nos fornecerá, a seguir, os elementos de análise da inversão ideológica acima referida.

SEGUNDA PARTE

"O GARIMPO DOS PRIMEIROS TEMPOS"

II. DO TAPAJÓS DA BORRACHA AO TAPAJÓS DO OURO (1958/1990)

"Era uma vez, uma simples aldeia de índios, dentre tantas outras existentes ao longo do Rio Tapajós, que, fadada pelo seu destino tornou-se uma cidade. Essa aldeia Miguel João de Castro, em 1912, já mencionava em sua relação de viagens como centro de exploração e comércio de especiarias do alto Rio Tapajós com o nome de Itaituba".

(MENDONÇA, 1977: 17-18)

1. O TEMPO DA BORRACHA

A Cidade de Itaituba fica a Sudoeste do Pará, à margem esquerda do Rio Tapajós, onde chegaram os primeiros exploradores de ouro. Diferente de outras cidades mineradoras que nasceram e se consolidaram com o processo de extração, Itaituba tem uma longa história.

Itaituba nasceu do extrativismo vegetal em 1856. Figura entre aquelas cidades que fizeram o esplendor da Amazônia, no ciclo da borracha, mas viram impunemente seus lucros serem levados para o exterior para enriquecer os Estados Unidos e os países da Europa, deixando a região entregue à decadência econômica e sua população trabalhadora ao mais completo abandono e desolação.

Desde cedo o município registrou alguma exporta

ção de borracha, dentre diversas drogas do sertão. Toda via, é a partir da segunda metade do século XIX que a exportação da borracha realmente torna-se preponderante(MENDONÇA, 1977). Com o crescimento da necessidade de borracha por parte dos países industrializados, Itaituba, tornou-se importante como um dos maiores fornecedores dessa matéria-prima, chegando, nos meados de 1914 a representar a Região Amazônica perante o maior centro comercial da Europa, numa exposição de produtos tropicais.

O depoimento de um antigo morador, reflete a pujança dos tempos áureos da borracha.

"Nesse tempo, Itaituba experimentou luxo e riqueza. A indumentária dos ricos era confeccionada em Paris, as casas revestidas de azulejos importados de Portugal; móveis finíssimos, alguns cobertos pelo célebre mármore de Carrara; na sociedade falava-se fluentemente o francês, o assoalho das casas era comumente de acapu e pau amarelo; haviam três sociedades distintas; alta, média e baixa".

(Ent. nº 1)

Outro antigo morador descreve o belo aspecto das construções, testemunhas da época de opulência, mas observa também a situação de miséria em que viviam os pobres seringueiros submetidos a precárias condições de sobrevivência e expostos a doenças de todo tipo.

"No dizer do meu amigo, esta também já foi terra de barões. Infelizmente, os palacetes já não existem mais(...). Fato é que nossa Itaituba, graças à borracha e aos sacrificados seringueiros, já teve momentos de esplendor...".

(Programa da Festa de Sant'Ana, 1977: 21-22)

Com o aumento crescente da demanda internacional de borracha e, conseqüentemente, a elevação do seu preço, desencadeou-se uma verdadeira euforia no setor exportador.

A partir daí três fatores fundamentais condicionaram a formação econômica do Município.

Primeiro, os seringalistas passaram a intensificar o processo extrativo, na ânsia de aumentar cada vez mais a produtividade, propiciando uma estrutura fundiária com base no latifúndio, uma vez que, na demarcação de uma propriedade, basicamente se levava em conta a capacidade produtiva. E, como era baixa a densidade de seringueiras nativas por unidade de área, tornavam-se necessárias grandes extensões de terras para ser alcançado um nível de produção razoável. Essas imensidões passaram posteriormente nas mãos de estrangeiros, como relata um antigo morador da região:

"De Pimental até Barra de São Manoel, todos os seringais pertenciam à Alto Tapajós S/A, com o controle acionário quase todo formado por ameri

canos que ficaram no Tapajós de 1944 a 1948. O Rubim MacGlou era presidente da firma que tinha como diretores financeiros Dário Magalhães e Dr. Aristeu, ambos funcionários do Banco de Crédito da Borracha. Nessa época, uns aviões Catalinas vinham buscar na localidade Salto Augusto e no Jamanxim o caucho, um tipo de borracha que fazia uns quadros diferentes que servia para umas indústrias. A produção era muito grande e saía tudo de avião. Se não fosse os índios cajabis, por exemplo, uma tribo muito braba, que impediam que a produção fosse maior".

(Entrevista nº 3)

Em segundo lugar, o sistema de crédito, o aviamento, que consistia em fornecer mercadorias a crédito, tanto para a produção como para consumo. Nos tempos áureos da borracha (1840-1912), as casas aviadoras representavam verdadeiras potências financeiras. Em contrapartida, o seringueiro, último elo da cadeia econômica, comprava os suprimentos essenciais a preços altíssimos, sofria descontos pela "quebra" e era explorado na sua boa fé (recebia contas de vendas viciadas); era um escravo.

"Se a borracha nos deu o Teatro Amazonas, uma das maravilhas arquitetônicas do país, todavia nos deu também o seringueiro, isto é, o escravo branco da Região Amazônica. Mas por que escravo branco? Porque o seringueiro sempre estava atado, de pés e mãos, ao dono do seringal, como sempre era o dono do comércio onde o trabalhador obrigava-se fazer todas as suas compras. Além do trabalhador ser obrigado a vender sua produção ao

dono do seringal pelo preço que este estabelecia, era condicionado a comprar no comércio dele e pelo preço que fosse pedido. A coisa era tão bem feita que sempre o saldo do seringueiro era devedor".

(Programa da Festa de Sant'Ana, 1977: 21-22)

E por último fator condicionante, a vinda de milhares de nordestinos, mão-de-obra que veio incrementar a produção, sem alterar o processo produtivo, e atender ao aumento da demanda mundial.

Segundo alguns registros municipais, em 1910-1911, a produção anual da borracha do município era superior a mil toneladas. O município vivia exclusivamente da exportação dessa riqueza nativa. Em consequência, a decadência da primeira fase da borracha com a superação da borracha oriental a partir de 1912, levou o município à estagnação.

Segundo CAIO PRADO Jr.:

"A borracha brasileira explorada nas condições que vimos não resistirá à concorrência do produto oriental que em poucos anos a substituirá quase inteiramente nos mercados mundiais".

(CAIO PRADO Jr., 1970: 236)

Um documento da Prefeitura interpreta assim o fato:

"Essa situação deve-se exclusivamente à depreciação de cotação da borracha e caucho, principais gêneros de exportação deste município. A borracha e o caucho, pelo preço vil por que () são comprados nessa praça, não permitem absolutamente qualquer melhora na receita geral do município; ao contrário, causam desânimo entre os extratores, que se vêem na contingência de abandonar os seus postos. Diante disto, muitos seringais já se encontram em completo abandono".

(Resposta da Prefeitura de Itaituba consultada pelo Governo do Estado sobre as necessidades do Município, 1930)

Com o advento da 2ª Guerra Mundial, houve novamente uma grande procura pela borracha nativa, pois as plantações do oriente estavam sendo ameaçadas pelos japoneses.

De 1942 a 1946, com o acordo proposto ao Brasil pelos Estados Unidos, pretendeu-se uma operação bilateral que permitisse a obtenção do crescimento rápido na produção da borracha nativa. Muitos seringais foram reabertos e centenas de nordestinos foram trazidos para a região como "soldados da borracha", através do Serviço de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia (SEMTA), e encaminhados pela Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA). É criado o Banco de Crédito da Borracha. Itaituba vive novamente um período de certa euforia econômica, recuperando-se da depressão do primeiro Ciclo da Borracha, através de financiamentos concedidos

pelo Banco, chegando a produzir muitas toneladas do pro
duto.

Os trabalhadores nordestinos expulsos da agricultura tinham duas opções naquela época de guerra: ou se alistavam nas Forças Armadas para ir para a guerra, ou participavam dela indo trabalhar na Amazônia como "soldados da borracha". Só que, com o término da guerra, os que vieram para o Vale do Tapajós foram deixados à pró
pria sorte. Muitos morreram sacrificados na luta contra a selva; a maioria incorporou-se definitivamente à população local, sem benefício pela participação no esforço da guerra.

O município se mantém com uma produção pouco ex
pressiva, mas a borracha continua sendo a atividade eco
nômica até que comece a corrida do ouro. Muitos seringais ainda se mantiveram em decorrência de antigos laços de dívida com o Banco de Crédito da Borracha que, durante a 2ª Guerra, os incentivou e, repentinamente, por interesses do Governo Americano (um dos maiores acionistas do Banco) cortou os recursos financeiros aos seringalistas. A produção extrativa vegetal do município diversificou; outros produtos como breu, copaíba, castanha do Pará, também faziam parte da economia do município.

2. O TEMPO DO OURO

A exploração do minério de ouro se dá no final da década de 1950. Percebe-se, no relato seguinte, como o município estava nesta época num estágio de letargia e conômica:

"Em 58, Itaituba era a borracha e todo mundo era seringalista; tinha os seus seringueiros que viviam nas suas colocações; lá eles tinham a mandioca, sua galinha ou porco; tinham uma vida tranquila e todo dia cortavam a seringueira para comprar o essencial para a sobrevivência e roupa né...? Com o evento do ouro, gradativamente a figura do seringueiro e seringalista foi desaparecendo, porque na época, o quilo da borracha custava, digamos, 8 cruzeiros, o grama do ouro dava 5 a 8 cruzeiros uma grama; então não havia porque o seringueiro ficar cortando seringa, podendo vir ao garimpo tirar ouro... Porque o ouro tirava na folha como eles diziam... e é só meter a mão, tirava a terra, bateava e o ouro saía".

(Entrevista nº 1)

Itaituba que o garimpo encontra é uma cidade economicamente decadente que só vivia do extrativismo vegetal. O Censo de 1950 confere a todo o município uma população estimada em 10.862 habitantes.

Até hoje, entretanto, o tempo da borracha assedia a memória da população. Para os remanescentes da eli

te local proveniente dos antigos seringais, Itaituba era uma cidade amável, pacata, às margens de um dos mais be los rios do mundo; a cidade vivia uma relação harmoni sa, não existia distinção de classe; todos se conheciam e todos se ajudavam.

Para a população trabalhadora, porém, a realidade se mostrava totalmente oposta; eram os índios, a malá ria, o passado sofrido nos seringais, os mosquitos, etc.. Os lugares onde residiam e onde trabalhavam eram bem distantes uns dos outros. As famílias mal sobreviviam sob a insegurança do amanhã. Os antigos seringueiros relatam suas dificuldades: com os índios, com a floresta, com tu do.

"No Jamanxim, a gente não sossegava: os índios atacavam; o sujeito não tinha saída, morria, en terrava na beira do rio; os índios eram muito malvados, roubavam e botavam todo mundo pra cor rer. Eu como seringueiro nunca passei de duas mudas de roupa.

Porque o trabalhador só tinha crédito se ele tivesse cortando seringa. Quando desse no inverno, ele não tinha direito de comprar uma caixa de fósforo, o patrão não vendia, entendeu?"

(Entrevista nº 12)

Há, como se pode ver, uma oposição na ótica dos dois grupos sociais (os trabalhadores, mais basicamente os seringueiros, e os seringalistas locais) com relação ao tempo do seringal e à descoberta do ouro.

Para os seringalistas, trata-se de uma sensação de perda de poder; mesmo com a comprovação dos fatos como a preço baixo da borracha, alguns chegam a afirmar:

"Em 58, então trouxe a exploração do ouro; ele veio se chocar com a época da borracha. Itaituba em viver de indústria extrativa, a borracha era justamente a economia que sustentava e mantinha o Município, arrecadava bem - não era muito bem, porque era pouco cobrado".

(Entrevista nº 1)

Ou então:

"Mas vou te falar uma coisa: foi um dos serviços melhor, durante meus 67 anos de vida que eu encontrei, foi o garimpo... O primeiro garimpo que eu fui, foi do Porto Rico; lá eu trabalhei; naquele tempo fazia 200 a 300g de ouro pouco tempo. Aí corria pra trazer pra família; era muito ouro mas era pouco dinheiro. Quer dizer, quase toda semana eu mandava aquela importância para mulher se manter, ajudando e botando os filhos pra estudar".

(Entrevista nº 2)

Essas duas visões são bem significativas e comportam ampla gama de nuances e distinções, de acordo com a posição das pessoas na sociedade local e de acordo com suas histórias de vida. Ainda hoje, elas estão presentes nos moradores de Itaituba e se manifestam nas suas reações

ções diante do garimpo. Embora a visão desses trabalhadores em relação ao garimpo seja dos primeiros anos do garimpo do Tapajós, antes de ser mecanizado, como eles se referem.

III. A VIDA NO GARIMPO

Os trinta últimos anos marcaram profundamente a Região do Tapajós, do Rio Xingú e do Sudeste do Pará, por uma sucessão de descobertas de ocorrências de ouro e a instalação de um sem número de garimpos: para citar apenas os mais conhecidos: Tropas, Cuiu, Crepori, Cumaru, Ourilândia, Cuca - e a mais famosa, Serra Pelada. Essas diversas descobertas deram origem à Província aurífera do Tapajós e outras.

A história da ocorrência de ouro na Região do Tapajós, escrita por alguns geólogos (DNPM/CPRM, 1976; LESTRA/NARDI, 1984; KATZER, 1933) ou contada nas entrevistas de antigos moradores, parece ser discutida.

Para os antigos moradores de Itaituba, não existe nenhum registro de ocorrência de ouro antes de 1958.

"O que nós sabemos é que, nos séculos passados, havia interesse de conhecer o Rio Tapajós e seus afluentes, mas não eram exploradores auríferos. Estes homens subiam e desciam o rio estudando o ambiente. Sabe-se que eles vinham de Cuiabá".

(Entrevista nº 13)

As referências às ocorrências de ouro na Região do Tapajós na literatura datam da metade do século XVIII, quando foram iniciadas as primeiras explorações à procura desse mineral. Durante o século XIX são referenciadas na

literatura as incursões de alguns faiscadores, entre os quais se destaca Antônio Peixoto que trabalhou em escavações nas margens do Rio Tapajós e seus afluentes. No nos século, as primeiras bibliografias datam de 1933 e se reportam sobre as pesquisas registradas por FREDERIC KATZER, que tentou evidenciar sem sucesso, algumas ocorrências de ouro (DNPM/CPRM, 1986).

Os geólogos LESTRA/NARDI confirmam essas informações.

"Desde o século XVIII há notícias de exploração de ouro na Região do Rio Tapajós quando os jesuitas estabeleceram aí os primeiros núcleos populacionais e incentivaram esporadicamente os indígenas a garimpagem do metal nobre. O Rio Tapajós foi reconhecido em 1819 por Antônio Peixoto de Azevedo. Nas margens dos rios, em escavações que fez, apanhou 64 oitavos de ouro que foram mandados para D. João V, naquele mesmo ano. Entretanto, as primeiras pesquisas tentando evidenciar ocorrências de ouro na região são atribuídas a KATZER, F. (1933); os resultados destes não foram satisfatórios".

(LESTRA/NARDI, 1984)

O início da atual atividade garimpeira em toda bacia do Tapajós teve início em 1958 com a descoberta do Sr. Nilçon Pinheiro, em plena fase de decadência dos seringais no Tapajós. Naquele ano, uma expedição chefiada pelo Sr. Nilçon Pinheiro parte, com 60 homens de Nova

Olinda do Norte, no Amazonas, e atinge o Rio Tapajós próximo a localidade de Jacaré Acangá, encontrando a primeira jazida no Rio das Tropas, afluente do Rio Tapajós, a 350km da Cidade de Itaituba.

Embora pareça que essa descoberta de ouro tenha sido mero acaso, o relato do Sr. Nilçon Pinheiro retrata interesses e conhecimento da presença do minério na região.

"(...) Estudei geologia e por isso mesmo, sabendo que a nossa Bacia Amazônica é super riquíssima, então resolvi sangrar as matas como eu fiz".

(Nilçon Pinheiro, entrevista nº 9)

O Sr. Nilçon Pinheiro, não se fixou em Itaituba, estabeleceu-se em Santarém donde comandava a exploração do garimpo; ele exerceu um monopólio sobre o garimpo do Tapajós, proibindo a entrada de pessoas estranhas, e mantinha o controle rígido da produção; nenhum trabalhador podia sair com ouro; todas as pessoas que saíssem do garimpo eram revistadas.

Essa atitude incomodou os governantes de Itaituba, muitos ex-seringalistas, que passaram a perseguir a atividade garimpeira.

Nilçon Pinheiro, chamado de contrabandista, foi convocado pelo Prefeito de Itaituba na época, o Sr. Al

tamiro Raimundo da Silva, para prestar esclarecimento sobre a produção do ouro. Nos arquivos da câmara existiam muitos pronunciamentos e denúncias de vereadores a respeito das condições em que viviam os trabalhadores no garimpo; o vereador que mais denunciava era o Sr. Homero Gomes de Castro. Muitos livros de ata da Câmara dessa época sumiram, mas foi possível resgatar alguns pronunciamentos.

Raul Chaves procede requerendo que fosse designa da uma Comissão para fiscalizar e observar no Rio das Tro pas o movimento das minas de ouro recentemente descober tas (43ª Sessão Ordinária, 23 de julho de 1958). Teófilo Olegário reporta-se ao fato dos crimes que vêm se suce dendo nas zonas garimpeiras (30ª Sessão Ordinária, 14 de junho de 1963).

Pelo relato de um vereador da época, podemos entender alguns pontos da situação que se criou para a classe dirigente de Itaituba com a descoberta do garimpo.

"(...) Haviam outros garimpeiros que depois que o Nilçon começou a explorar o garimpo mesmo com maior intensidade, outros também entraram, mas não com tanto êxito quanto o Nilçon que pegou justamente a área mais aurífera finalmente... Agora, só que o Nilçon exerceu o monopólio por muito tempo: monopolizava mesmo. Eu já falei pra você dessa carta que eu escrevi para o deputado Lopo de Castro? Tá no Congresso essa mi

nha carta; pela lógica, a gente atribuía que houvesse mil garimpeiros, não, 6 mil criaturas no garimpo, e que para sobrevivência de cada pessoa naquela época, seriam necessário 150 gramas de ouro per capita, por cabeça, então seriam uma produção mensal de 900kg de ouro naquela oportunidade, em 1962 mais ou menos; e essa produção foi aumentada e sempre aumentava, só que a evasão do ouro sempre foi estupidamente grande... a sonegação, o garimpo, o comprador de ouro leva o ouro de contrabando e Itaituba pouco lucra com isso".

(Entrevista nº 1)

Na proibição do Sr. Nilçon Pinheiro em relação a saída dos trabalhadores com o ouro, existe outra conotação:

"(...) Não, a pressão que ele tinha era que não deixava por exemplo, o trabalhador sair com o ouro, sabe? O ouro todo era pra ele. Mas ele pagava a diária dos trabalhadores... Dava demais. Porque se ele levasse o pessoal todo pra Santarém, ninguém pagava nenhuma passagem, ia e voltava sem pagar nenhuma despesa; toda despesa era por conta dele. Então essa época, foi uma época das melhores no garimpo".

(Entrevista nº 2)

Assim nasceu a província aurífera do Tapajós que fica situada na porção SW do Estado do Pará, entre os Rios Tapajós, Jamanxim e Serra do Cachimbo ao sul da Cidade de Itaituba.

Subsequentemente à descoberta do primeiro garimpo e às notícias acerca da impressionante produção do mesmo, muitos homens começaram a explorar por conta própria a procura de novas jazidas em outros afluentes do Tapajós.

Dessa forma os primeiros garimpos ficavam às margens dos Rios das Tropas, Crepori e Jamanxim. Mais tarde, novas explorações de ouro, em áreas de difícil acesso que exigiam grandes caminhadas, contribuíram para uma nova fase dos garimpos.

Em 1960, foi construída a primeira pista de pouso para pequenos aviões, no garimpo do Cuiu-Cuiu, alterando o sistema de acesso dos garimpos. "O avião monomotor passou a ser fundamental na operação dos garimpos tanto para viagens como para abastecimento. Isto permitiu e ocasionou a interiorização dos garimpeiros com garimpeiros com a conseqüente proliferação de pistas de pouso" (LESTRA/NARDI, 1984: 159).

Com a abertura de pista de pouso, muitos pilotos de Londrina/Pr. chegaram a Itaituba, marcando o início da vinda dos imigrantes sulistas aos garimpos e à região.

A atividade garimpeira era altamente manual. Daí criou-se a figura do "Garimpeiro de Baixão".

Passados os primeiros anos de euforia da desco

berta do garimpo de ouro no Tapajós, a garimpagem passou a ser a única atividade do município, absorvendo toda a sua força de trabalho nos anos 60; passou a ser uma atividade normal na região. Pelo relato sem muito entusiasmo de um técnico em mineração podemos observar:

"... O número total de garimpeiros não passou de 1.500 e a produção mensal global certamente nunca ultrapassou 300 quilos. Não deu resultado procurar estatísticas nas coletorias, pois certamente a maior produção é contrabandeada pelo menos a partir do garimpo para o interior do território nacional".

E mais:

"O garimpeiro evita o overbuden acima de 1,5 a 2m e o esgotamento d'água. Por isso lavra os pequenos igarapés próximo de suas cabeceiras. Os lugares por onde andaram lavrando são magníficos prospectos para uma futura lavra mecanizada de pequena escala (combinação jato bicame, ou escavadora). Será necessário, porém, melhorar as condições de transporte, abastecimento e saúde da região. De passagem, a área do Tapajós é a mais desconfortável que o autor já palmilhou no Brasil: mosquitos, malária, amebíase, sífilis, etc... despovoamento e índios hostis".

"Em decorrência deste virtual esquecimento, o domínio garimpeiro do Tapajós pode, ao longo dos anos, evoluir lentamente suas estruturas até cristalizar-se com uma morfologia própria" (Salomão, 1981).

Por informações de antigos moradores de Itaituba e por relatos de geólogos (LESTRA/NARDI, 1984) que escreveram sobre a primeira fase dos garimpos do Tapajós, sabe-se que, desde a sua descoberta, em 1958, até a metade da década de 60, a atividade garimpeira se desenvolveu na região isolada de qualquer outra atividade econômica, a revelia das autoridades governamentais. Dessa forma não se tem dados oficiais da produção de ouro na região nesse período.

1. OS TRABALHADORES DO GARIMPO

"Naquela época 90% eram seringueiros"

(Entrevista nº 03)

"Também seu Nilçon ia em Santarém e trazia o barco cheio; sempre era assim, levava 100 e trazia 100; nós éramos pessoas sem profissão lá em Santarém".

(Entrevista nº 02)

Pode-se dividir a ^{força} força de trabalho inicial do garimpo em três categorias:

- a) Os trabalhadores que viviam de extrativismo ;
provenientes dos seringais, alguns garimpeiros do Xingú (um garimpo que existia no Iga

rapê Itatã de 1942/52). Mas todos estes trabalhadores se auto-denominam seringueiros;

- b) Os trabalhadores de origem urbana; os de ocupa
ção ocasional, na maioria recrutados em Santa
rêm;
- c) Os estrangeiros vindos da Guiana Inglesa, atra
vês do Oiapoque;
- d) Os pilotos de aviões, vindos principalmente de
Londrina no Paraná.

1.1 - DE SÃO LUIZ, AOS RIOS DAS TROPAS, CREPORI E MARUPÁ

Pode-se dizer por estimativa, que cerca de 70% da mão-de-obra inicial do garimpo provinha dos seringais e os outros 30% da área urbana.

Para se entender a situação dos trabalhadores que entraram para o garimpo no início, é importante retornar à situação da economia do município na década de 50, como sendo de extrema decadência, apenas atendendo ao setor de subsistência regional.

A atividade extrativa remanescente se concentra a partir da localidade de São Luiz do Tapajós, uma espé

cie de portão de entrada para o alto Tapajós, onde a firma Arruda Pinto & Cia., sucessora do Alto Tapajós, controlava todos os seringais e mantinha o maior comércio do município que cumpria a dupla função, através de seus pequenos estabelecimentos espalhados pelas margens do Rio Tapajós, de prover a população dos artigos de consumo imediato e comprar suas produções. Desses estabelecimentos comerciais, estas produções eram trazidas de barco até São Luiz, de lá levados de navio para Belém.

Nessa época, São Luiz oferecia melhores condições de vida para os moradores do que a sede do município. Lá tinham uma razoável infra-estrutura; existia comunicação direta com Belém através de radiofonia, o comércio era bem variado.

Itaituba mesmo, mantinha um pequeno comércio local para a população que na maioria, eram funcionários da Prefeitura. As comunicações entre as cidade vizinhas eram feitas de barco sem muita regularidade e uma vez por mês um navio de grande porte vinha de Belém até São Luiz do Tapajós. Não havia telefone interurbano e funcionava apenas uma agência de correios e telégrafos.

Frente ao quadro sócio-econômico mencionado, percebe-se que o mercado de trabalho era restrito e sem perspectivas. Assim, pequena parte da mão-de-obra conseguia inserir na Firma Arruda Pinto & Cia. na localidade de São Luiz e na Prefeitura, na sede do município. A maioria mesmo estava nos seringais.

Os seringueiros, na sua maioria, viviam dentro dos seringais ou nas suas "colocações", trabalhando na extração do látex. Quase todos tinham uma pequena terra para plantar, quase sempre do dono, onde a lavoura era feita pelo restante da família. No geral, dependiam em tudo do seringalista. Havia, também, aqueles que viviam da coleta da castanha, da extração do breu, copaíba e outros produtos. Estes seringueiros tinham a segurança social e econômica e a opressão do poder dos seringalistas.

Do ponto de vista dos trabalhadores, a crise econômica do município levou-os a experimentar uma situação cada vez depressiva. A década de 50, será marcada pelo fenômeno da migração crescente dos seringais para a sede do município e para o Distrito de São Luiz do Tapajós. Quem continua nos seringais vive em condições precárias sob o amparo dos grandes seringalistas, perpetuando uma situação estagnante.

Essa força de trabalho se compõe particularmente de trabalhadores nordestinos, trazidos no início da década de 40 para trabalharem nos seringais do Tapajós como soldados da borracha. Embora não haja dados estatísticos a respeito estima-se que representavam 50% dos seringueiros do Tapajós; após a 2ª guerra, foram abandonados na região, se incorporando à população local.

Os depoimentos seguintes situam o contexto de vida desses trabalhadores:

"Eu como seringueiro nunca passei de duas mudas de roupa; o trabalhador só tinha crédito se ele tivesse cortando seringa; quando desse no inverno, ele não tinha direito de comprar uma caixa de fósforo".

(Entrevista nº 5)

"Muito melhor a morte dos Caiapós (tribo indígena) que mata duma vez; o patrão não, mata na unha como piolho... tira o derradeiro".

(Entrevista nº 2)

"Eu sei o sofrimento do seringueiro, ninguém tinha sossego, andava tanto..."

(Entrevista nº 4)

É fácil portanto, entender como, com a descoberta do garimpo, esses seringais sofrem sérios declínios, tanto em termos de força de trabalho disponível como em termos da produção. Para os seringalistas, não é o declínio do seringal que leva o trabalhador para o garimpo, mas o garimpo ^{que} esvazia o seringal.

"Fomos obrigados a encerrar nossa atividade porque não tinha como; não havia mais seringueiros; todo mundo só queria trabalhar no garimpo. Então encerramos. Como nós, tantos outros: Benedito Corrêa de Souza, Bentes Irmãos, Arruda Pinto & Cia. Todo mundo foi encerrando, dando lugar ao ouro. E era ouro em abundância; era muito ouro. Estas pessoas que iam saindo dos seringais elas iam saindo para o garimpo para tirar ouro".

(Entrevista nº 1)

A verdade é que os seringueiros só se mantinham nos seringais por falta de opção de trabalho em outras atividades que lhes proporcionassem melhores dias.

Em todas as narrativas de vida desses primeiros trabalhadores de garimpo, havia uma grande expectativa de melhores condições de vida quando procuravam o garimpo. "Não dava mais", "a gente vivia com a roupa rasgada", "uma miséria": esses são termos recorrentes em todos os relatos desses seringueiros, cuja condição de insegurança anterior é sempre o parâmetro de comparação.

Desse grupo social com tradição de sofrimento é que saíram a maioria dos garimpeiros do Tapajós. São homens fortes e corajosos: nada lhes assusta e sempre comparam a dureza e o sofrimento do trabalho nos seringais com o trabalho inicial no garimpo. Esses homens continuaram a falar com os vocábulos que a primeira experiência de vida e de trabalho lhes deu, mas com uma visão diferente, onde o recorte principal se faz no "antes" e no "depois" do garimpo. O "antes" é o cativo, a insegurança, a miséria; o "depois" é o ouro, o dinheiro em espécie, liberdade, melhores dias para a família, a esperança de uma grota rica.

Os seringueiros viviam apenas de extrativismo. Não tinham terra e se a tinham, era tão impossível subsistir dela que não sentiam necessidade de defendê-la. Para eles, a descoberta do garimpo significava a saída

de um poder arbitrário, oligárquico para se introduzir num universo onde as relações de poder eram menos fortes.

Essa nova atividade, ou seja, o trabalho no garimpo, dava-lhes a possibilidade de sonhar, sair do cativo e tornar-se um trabalhador autônomo sem patrão.

Para os seringueiros, esse fato vai ser tão importante, que todos eles, ao contar sua história, dão ênfase ao "sofrimento" nos seringais. As condições de trabalho eram tão difíceis que para eles, a troca de um tipo de denominação por outro aparece como "melhoria de vida". Essa ilusão, a realidade concreta tratará de desfazer.

1.2 - DO CASEBRE URBANO AO BARRACO DO GARIMPO

Numa amostragem aproximativa, calcula-se que apenas 30% da força de trabalho inicial do garimpo são de origem urbana, particularmente da vizinha cidade de Santarém.

Para se entender no contexto o termo "urbano", há que se compreender as pequenas cidades da região, das quais Santarém é o melhor exemplo, por ser o principal celeiro dessa força de trabalho. Já no Município de Itaituba, a população se concentrava em maioria na zona ru

*esta
é a
função
de ter
a vida
que se quer
a desforça
ilusão?*

ral, ou seja, nos seringais.

O censo de 1950 mostra Itaituba como um município de 10.862 habitantes, sendo que apenas 2.337 deles, residentes na cidade. O restante estava na zona rural (censo demográfico do Pará, Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1957).

Esses dados demográficos variam muito pouco desde o final da década de 40, em que o município vive em franca estagnação, sem perspectivas de novas atividades produtivas, com a conseqüente queda do preço da borracha nativa nos mercados internacionais.

O conjunto dos trabalhadores proveniente da cidade, no caso os sem profissão, como eles se auto-denominavam, tem muitos elementos comuns com os "seringueiros" e o relato destes revela as suas trajetórias, passando por várias atividades. Sua condição de vida se assemelha à dos seringueiros, pois vivendo do mercado informal, se mantinham em situação de instabilidade permanente.

Esse fato leva a que, da mesma forma que os seringueiros, esses trabalhadores oriundos da cidade, vejam o garimpo com grande euforia, enquanto que para os profissionais, pilotos e estrangeiros, o garimpo do Tapajós era apenas uma forma de "enricar" rapidamente e somente os resultados promissores das grotas ricas é que os mantinha naqueles garimpos.

A maioria da mão-de-obra convocada para os trabalhos gerais, ou seja, os braçais era de uma amplitude suficiente para que permitisse ao mesmo tempo a rotatividade e a adaptação num processo de subordinação ao qual nunca faltaram conflitos e resistência.

Os trabalhadores braçais sempre foram a maioria e com o passar do tempo, muitos começaram a explorar por conta própria. Alguns chegaram a bamburrar e se tornaram donos de garimpo.

1.3 - DE GARIMPO EM GARIMPO

No início do garimpo, estrangeiros, conhecidos como "crioulos", vieram em massa mas hoje não se tem registro nenhum deles; apenas por informação podemos fazer referência destes nesse trabalho:

"Ai eles também vieram para cá; notícias eles tiveram com os outros contando né? o primeiro que chegou aqui fora nós, o seu Ademar, era também estrangeiro. Mas esse Sr. já vinha de Altamira. Todos vieram de outros garimpo, do Oiapoque, Caxambu, Calçoene. Toda as pessoas que vinham pra casa, toda a maior parte era da Guiana Francesa, Holandesa, a maior parte era de Santa Lúcia. Só que eles vinham de lá de navio para Caiena, porque lá tem muito ouro também. De lá, eles vinha para o Oiapoque. Eles chegaram aqui

em 62 até 65. Eles vinha pra cá no barco do Quaresma que conduzia eles para cá, que vinha de Macapá pra cá; era um iate, aí quando eles chegava aqui, aí lá dava a notícia que nós tava aqui né? aí eles procurava a casa de estrangeiros pra poder saber como eles vão fazer. Era muito que vinha pra cá".

(Entrevista nº 8)

1.4 - O ELO COM O MERCADO: O PILOTO DO TECO-TECO

No início da atividade garimpeira, a ligação entre o garimpo e o mundo exterior era feito de avião. Os pilotos dos aviões eram os únicos "profissionais". Pode se considerar que foram os primeiros emigrantes do sul a chegar na Região do Tapajós, atraídos pela notícia da descoberta do garimpo, esses pilotos eram oriundos do Paraná e o fato de todos serem do Aéro Clube de Londrina origina-se de que eles trabalhavam naquela região com o transporte do café, e quando:

"... acabou a febre do café e alguém apareceu por lá dizendo que era a vez do ouro no Pará; muitos resolveram tentar a sorte e quem se arriscou enriqueceu".

(Entrevista nº 13)

Estes pilotos passaram a ser ao mesmo tempo transportadores, conselheiros jurídicos, técnicos, financiados

res e sócios dos garimpos.

2. A DIFÍCIL E INCERTA TRAJETÓRIA PARA O BAMBURRO

Queria colocar aqui algumas observações de ordem geral a que induz a análise da origem dessa mão-de-obra:

2.1 - TRABALHADOR DESDE CRIANÇA

A maioria dos primeiros garimpeiros, quase todos, tinham começado trabalhar ainda criança; os de origem nordestina, que vieram pra cá como soldados da borracha têm sua trajetória: "fomos iludidos"; o Governo fazia muita propaganda e lá não tínhamos condições de trabalho. O que vale ressaltar que tanto os garimpeiros, como os urbanos que trabalhavam como braçais no garimpo, as razões alegadas para o trabalho infantil são sempre a necessidade de se manter e, às vezes, de sustentar a família.

2.2 - OS ANTECEDENTES DE TRABALHO

Outro ponto a destacar é o fato de que, seja atra

vês da atividade na agricultura ou no extrativismo, seja no setor informal da economia, todo grupo entrevistado tem uma experiência de trabalho anterior ao garimpo. En contra-se no garimpo um contingente enorme de homens já afeitos ao trabalho, acostumados as duas condições de vi da. O garimpo provocou a homogeneização espontânea desse contingente de trabalhadores, através do trabalho, embo ra houvesse uma diversidade de experiências e das conse quentes visões de mundo do conjunto dos trabalhadores. Os conflitos e as contradições da época inicial do garim po do Tapajós são testemunho da perene precariedade en tre capital e trabalho.

Como já se mencionou anteriormente, a maioria dos primeiros garimpeiros do Tapajós, tem origem num espaço geográfico que não ultrapassa a Região do Tapajós. A maio ria provém dos seringais ou de ocupações ocasionais, am bas as categorias sobrevivendo a duras penas, por causa da estagnação econômica e da falta de alternativa do mer cado de trabalho de Itaituba e seus arredores.

As formas de recrutamento iniciais são bastante informais e sem critérios; todos que se sentissem aptos e disponíveis eram levados para o garimpo; pelo menos é que transparece no relato dos entrevistados. O sistema mais comum parece ter sido das turmas isto é, uma pessoa alistava um grupo de trabalhadores e apresentava ao en carregado, que os incorporava a todos no trabalho. Havia também as apresentações individuais, quase todas mediati

zadas por alguém que mantinha relações de amizade com o encarregado de recrutar ou com o próprio dono do garimpo. Todos os entrevistados relembram sua entrada no garimpo como um fato marcante de sua vida, com "divisor de águas" entre o passado incerto e o presente atual. Rememoram as conversas, expectativas e pessoas envolvidas, destacando sempre as vantagens que o patrão oferecia e a bondade do patrão Nilçon.

"Ele não humilhava ninguém não; ele pagava uma diária de 100 mil réis e todo mundo trabalhava a custa dele. Ele dava tudo, almoço, janta e transporte. Vinha com todos no motor dele, chefiava tudo, levava para o garimpo, toda despesa era por conta dele".

(Entrevista nº 5)

Como se pode perceber, para os trabalhadores, naquele momento, o mínimo já estava suficiente; o fundamental era poder fazer planos, ter uma perspectiva de melhores dias no novo trabalho. Eles próprios têm plena consciência disso quando, orgulhosos falam do garimpo:

"Ninguém tinha ambição naquela época; o camarada ia trabalhar para se manter e vim também gastar com a família, gastar por aqui... mas ambição não tinha".

(Entrevista nº 7)

E mais:

"Não era exigido nada; nós sabia de notícia que o Nilçon descobriu lá o garimpo da grota, que ele pegou um ouro. Depois ele veio buscar gente aqui pra trabalhar no garimpo".

(Entrevista nº 2)

O que parece importante ressaltar é que embora a contratação dos trabalhadores não fosse formal e que não houvesse critérios para o recrutamento, todavia existia uma exigência, apesar de sutil, de privilegiar os homens da região, ou seja, aqueles que conheciam a região e estavam acostumados com ela. Em síntese, os mais bravos. De qualquer forma, parece que o menos importante era a habilidade ou melhor, ela não estava em jogo principalmente porque naquela etapa inicial, além do garimpo não exigir equipamentos, por outro lado aqueles homens na maioria nunca tinham trabalhado na exploração de ouro. Tratava-se de ser capaz de garimpar rudimentarmente, enfrentar os rios, as cachoeiras, os animais selvagens numa faina insana medindo força com a natureza. Fatos que não assustavam os seringueiros acostumados à região. O físico seria portanto a condição essencial para resistir à dura jornada e os pesados e rudes trabalhos do garimpo. Observando-se a literatura sobre os operários das minas subterrâneas (GROSSI, 1982 e outros) depreende-se que as exigências para a seleção dessa mão-de-obra também são concentradas na constituição física. Só que para os garimpeiros do Tapajós, não se trata de ser forte para trabalhar nas profundezas como os trabalhadores das minas

subterrâneas mas para resistir às intempéries e à dura jornada de trabalho.

O grande trunfo do garimpo para o recrutamento, era a situação de miséria por que estavam passando os trabalhadores. E a notícia da quantidade de ouro que existia a flor da terra. Havia assim uma grande expectativa de melhoria de condições por parte dos trabalhadores que estavam indo para o garimpo, juntamente com o detiche do ouro que encobria a nova forma de submissão dos trabalhadores.

2.3 - A INICIAÇÃO AO GARIMPO

Sabe-se por relato de informante que era comum a solidariedade entre os garimpeiros naquela época. Muitos trabalhavam de parceria e era natural a distribuição de "barrancos" quando alguém encontrava uma área promissora nas explorações.

"Esse aqui eu conheci no baixão. Ele descobriu um baixão na grota e trabalhava lá. Eu cheguei lá no "barranco" dele e disse: ei Zé, como é rapaz, tu me arruma aí um pedaço de terra...? Por que naquele tempo dava pra dá um pedaço de terra; o sujeito tinha uma grota e dividia com os colegas".

(Entrevista nº 10)

Ou:

"Todos era da região naquela época; era fácil as sim porque tudo era paraense, amazonense; depois foi chegando macapaense, mas tudo era unido, na quele tempo não havia disorde".

(Entrevista nº 12)

Na realidade não foi necessário muita coisa para atrair a maioria dos seringueiros para o garimpo; aliás sempre esses fazem referência à alimentação, ao transporte, a remuneração, em especial, como fatores importantes que o novo trabalho oferecia, tendo como parâmetro as condições de trabalho anterior.

O sistema de trabalho do garimpo foi rapidamente incorporado pelos trabalhadores e, inclusive, muitos garimpeiros passaram a explorar por conta própria.

O aprendizado rápido no modo de explorar e extrair o ouro por parte dos garimpeiros, provocou uma intensa rotatividade, revelando a urgência desses trabalhadores em se libertarem.

O fato de muitos trabalhadores se tornarem autônomos não resulta, no entanto, que automaticamente eles estariam livres de um patrão. Entre trabalhar por conta própria e ficar livre existe o encontrar o ouro, traduzido na linguagem dos garimpeiros em "bamburrar", que depende de encontrar uma área onde existia ouro e alguém

que financie o mínimo desta extração. Dessa necessidade nasceu a relação de "meia-praça", tão conhecida nos garimpos do Tapajós.

Alguns desses trabalhadores conseguiram bamburrar e alguns se tornaram donos de garimpo ou sócio de alguém que tenha bancado com sua exploração. Poucos porém desses trabalhadores entrevistados, conseguiram bamburrar, e embora eles tenham consciência, no entanto eles trazudem o fato com coisa da natureza de cada pessoa.

"Não tem nenhum paraense que diga assim: esse é rico, porque paraense tem uma vantagem; nós paraense como uma classe de gente que nós não temos ambição, senão nós enricava. Então é isso, porque filho de Itaituba mesmo, não tem nenhum rico pelo garimpo, tem não".

(Entrevista nº 13)

2.4 - A JORNADA DE TRABALHO

"No garimpo a gente trabalha pesado desde muito cedo até a noite. No seringal também a gente saía de madrugada e só voltava a noite. No seringal não é um trabalho pesado, só que a gente caminha muito. Fica um pelo outro né?"

(Entrevista nº 10)

Não existia horário estipulado para trabalhar, mas todos sabiam que a jornada começava bem cedo, até a noite.

"Ninguém faz corpo mole no garimpo; o trabalho é duro e pesado, mas a gente já está acostumado".

(Entrevista nº 11)

Embora o trabalho do garimpo fosse totalmente diferente do trabalho nos seringais, assim como a forma de remuneração, que passou a ser a "diária", todavia as condições de trabalho eram igualmente duras. Tanto o trabalho no seringal quanto o trabalho do garimpo eram feitos ao relento, sofrendo todo o desconforto das intempéries. O ambiente apresentava alguma semelhança, apenas que, pelo tipo de ouro, aluvionar secundário, que existe na região, os garimpos ficam próximo de lugares que tenham água; assim os primeiros garimpos foram todos descobertos próximo dos principais afluentes do Rio Tapajós, justamente nos locais onde esses trabalhadores anteriormente, negociavam suas produções extrativas.

No "barranco", era distribuído o trabalho. Lá estava o gerente, o homem que, em contato direto com o patrão, recebe e dá todas as ordens de serviços.

"Não existia ninguém vigiando o trabalho; se o camarada não quisesse trabalhar, o patrão pagava sua diária e botava outro no lugar".

(Entrevista nº 14)

E o mesmo entrevistado completa a informação:

"Agora tinha um chefe que era o capataz; até es se meu primo Benoni, que era encarregado do Nilcon Pinheiro, era ele que fazia a arrecadação de todo ouro".

(Entrevista nº 2)

Pelos relatos dos informantes, percebe-se as su tilezas dessa nova forma de submissão da força de traba lho.

"Todo mundo trabalhava; tinha os que carregava as mercadorias e tinha os que trabalhava dentro do barranco".

(Entrevista nº 2)

E mais:

"Tinha horário pra tudo, o horário de comer, o horário de trabalho; não era preciso ninguém vi giar a gente, sabia que tinha que trabalhar du ro".

(Entrevista nº 11)

E ali o seringueiro acostumava-se ao novo traba lho que, apenas na forma, diferenciava do anterior:

"Nos tava ali pra trabalhar; não tinha ninguém para cobrar a gente, cada um sabia... a gente só parava pra comer".

(Entrevista nº 10)

Todos sabiam o preço da recalcitrância: era per
der a vaga.

Apesar disso, a rotatividade intensa que se ob
serva no início revela a resistência de muitos à adapta
ção ao novo trabalho. Essa rotatividade é uma forma de
mostrar a resistência dos garimpeiros à rudeza do proces
so inicial; é necessário ler também, nesse fenômeno, que
o patrão se utilizava também dessa estratégia para se li
vrar dos trabalhadores indesejados.

"Na época, nos tínhamos uma base de 600 homens
com transporte regular, subia 100 e baixava 100.
Nós tínhamos um controle e para não prejudicar
nosso controle como também a produção, nós fa
zíamos isso".

(Entrevista nº 9)

As ordens eram dadas, os homens se espalham cada
um para o seu espaço determinado. Havia um controle, o
único meio de conseguir aumentar a produção. Quem não
conseguiu se adaptar ao trabalho era substituído imedia
tamente.

Lá no "barranco" começava e recomeçava a luta de
todos os dias.

"De repente, a gente secava o barranco; ai metia
o pau; quando acabava removia aquela terra, bo
tava pra cima, depois botava na cobra fumando
e ia lavar aquela terra e apurar aquele ouro,

aí botava aquele ouro pra secar enriba de um encerado".

(Entrevista nº 10)

No dia a dia que se renovava, esses garimpeiros enfrentavam tudo na esperança de poder ser tão bem sucedidos nesse novo trabalho.

O sistema de trabalho no garimpo, mesmo diferenciado do antigo trabalho nos seringais, mantinha determinados elementos do passado que tornava ilusório o enriquecimento do garimpeiro tão somente pelo "bamburro". Mesmo assim, o garimpeiro mantinha uma ilusão profunda de bamburrar no próximo barranco.

É interessante notar que a ilusão de "bamburro" que se apoderou dos primeiros garimpeiros se mantém hoje, como poderemos observar no decorrer deste trabalho. Haverá sempre o mascaramento possível da realidade da exploração pela ilusão de que bamburrar é um fato inerente a todos os garimpeiros.

Muito melhor do que qualquer análise sobre tal fenômeno, as próprias palavras dos primeiros garimpeiros podem explicitar:

"Ai eu fui trabalhar no garimpo; gostei muito do serviço, só que eu nunca bamburrei. Assim trabalhei um bocado de tempo e aí todo mundo bamburrando e eu não. Eu digo; sabe de uma coisa? eu vou deixar esse negócio de garimpo, porque quem

tinha garimpo rico não me dava, nem eu pedia".

(Entrevista nº 6)

Ou então:

"Trabalhei uma temporada, mas só fazendo força e nada arranjava; aí larguei o garimpo; abandonei o garimpo e vim para cá".

(Entrevista nº 2)

Embora a percepção da sua situação esteja sempre em relação aos que "bamburram" no garimpo, a ilusão de que todos poderiam "bamburrar" se ilegítima na medida em que a maioria não conseguiu nada.

Todavia, apesar das contradições palpáveis, essa ilusão continua sendo a arma eficaz para manter muitos trabalhadores numa desmedida exploração nos garimpos do Tapajós.

TERCEIRA PARTE

"O GARIMPO NO TEMPO DO CAPITAL"

IV. A EXPANSÃO CAPITALISTA NA AMAZÔNIA

1. O PLANO DE INTEGRAÇÃO NACIONAL E A AMAZÔNIA

Partindo de algumas citações de autores que es creveram sobre a dinâmica do capitalismo na região, esco lhidas por se referirem a situação diferente, procurare mos mostrar aqui como se dão as transformações sofridas no município de Itaituba e nos garimpos do Tapajós e al guns desdobramentos que essas transformações trouxeram aos garimpos e garimpeiros.

Inicialmente, pensava-se que a colonização da Amazônia seria sobretudo para "os homens sem terra do Nordeste".

O slogan se baseava no pressuposto de que era lô gico juntar uma região com pouca terra disponível e ex cedente populacional, e outra com abundância de terras e uma população rarefeita.

Entende-se que o papel do Plano de Integração Na cional não era apenas para atender os "homens sem terra do Nordeste"; mas também para criar condições para a ex pansão do capital na Amazônia.

E assim:

"Cem quilômetros de cada lado das estradas em construção seriam reservados à pequena agricultura. A

ocupação de posseiros dentro dessa faixa em todas as estradas da Amazônia (um total de mais de 2 milhões de quilômetros quadrados) seria reconhecida e legalizada. O objetivo inicial seria a transferência de 100 mil famílias (portanto cerca de meio milhão de pessoas) em cinco anos. O INCRA começou a por em execução um esquema elaborado para a ocupação da Rodovia Transamazônica, baseado nas agrovilas, agrópolis e rurópolis. A Transamazônica foi o principal eixo escolhido para a colonização oficial e como tal veio a simbolizar uma nova era" (VELHO, 1979: 209).

Sabe-se que existiam dentro do próprio governo, muitas críticas por parte dos menos ousados; no entanto, o "Plano de Integração Nacional", tinha entusiasmados e fortes defensores.

"Na verdade o "Plano de Integração Nacional" surgiu não só no rastro da seca do Nordeste, mas também de uma série de discussões sobre o que se deveria finalmente fazer da Amazônia. O próprio fato de uma tal discussão ter se iniciado exatamente nessa ocasião com grande intensidade pode indicar que havia chegado o tempo, em face dos desdobramentos do desenvolvimento, de finalmente dar-se um passo decisivo na direção da Amazônia" (VELHO, 1979: 212).

"O discurso de Médici delineava os novos rumos que o Governo estava tomando, já agora com a Superinten

dência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que substituiu a SPEVEA em 1966, mas só consolidaria sua estratégia a partir da década de 70. A nova Superintendência, seguiria fielmente o planejamento traçado de Brasília, demonstrando fidelidade burocrática a determinações partidas de fora para dentro e de cima para baixo (PINTO, 1986/87: 20/21).

O que estava subjacente a essa política desenvolvimentista do Governo para Amazônia, não demorou para ser demonstrada.

"Quando foi dada a largada para essa corrida à fortuna, grandes empresas do sul, multinacionais saíram à frente beneficiadas por polpudos incentivos fiscais, ficando com todas as terras possíveis. (...). Por outro lado, os agricultores sem terra atraídos pela intensa propaganda oficial, sobre as maravilhas do Pará e dos mirabolantes projetos de colonização, vêm de toda parte do País, trazendo apenas filhos famintos e os braços" (CARVALHO, 1978).

A política de desenvolvimento regional com base na grande empresa demandava a construção de grandes obras de infra-estrutura que, ao serem implantadas, aumentavam o preço da terra; além do mais, atraíam grande número de trabalhadores, grande parte dos quais peões de origem nordestina ligados ainda, em certa medida, à terra; uma parte desses peões permanece na região aumentando o núme

ro de posseiros.

A Colonização na Amazônia, ou melhor, as condições de ocupação legal e/ou produtiva do solo permitidas pela abertura das grandes rodovias federais, se transformou no ponto de encontro de interesses sociais diferentes. Por um lado, a massa de camponeses pauperizados especialmente no Nordeste, encontrava na colonização a possibilidade de afirmar suas formas específicas de produção, através da ocupação da terra que permite a reprodução do trabalho familiar. Por outro lado, o capital tratava de canalizar em seu favor a mais valia que o Estado colocava à sua disposição através de incentivos fiscais e da renda fundiária fundadora e institucional que a implantação de projetos agropecuários possibilitava (SORJ, 1980: 107).

No interesse do capital em se apropriar da renda da terra e de sua reprodução ampliada, o Governo faz claramente a sua opção.

"A realização dos interesses dos camponeses teria significado a conformação de uma estrutura de pequenas propriedades asseguradas pelo Estado através de uma política de colonização e distribuição de títulos de propriedades aos pequenos produtores e a segunda alternativa implicava, oferecer as terras aos grandes proprietários em detrimento dos pequenos produtores. A imposição da 2ª política não foi um processo automático; e só con

seguiu afirmar-se nas condições de um regime altamente repressivo em que os camponeses não têm condições de se organizar, e através de um conjunto de pressões por parte dos grandes grupos econômicos, só conseguem impor seus interesses de forma definitiva a partir de 1973, quando no seio do governo, se define claramente uma linha de abandono dos projetos de colonização camponesa" (SORJ, 1980: 108).

Nesse contexto contraditório, a colonização oficial, que já estava fadada a não dar certo, faliu; os projetos particulares transformaram-se em rendosos negócios de terra e na manipulação de recursos em favor do capital, devendo à colonização "espontânea", o processo de ocupação pela pequena produção.

Um elemento importante que contribuiu para dar um sentido concreto à ocupação da Amazônia é a forma diferenciada, com que se deram estas ocupações. Na verdade, como frisa BECKER (1983: 43), "a ocupação da Amazônia se deu de forma diferenciada; tanto a localização quanto às formas de apropriação combinaram-se com as características lá existentes, tanto naturais como históricas, que determinaram o grau de resistência à expropriação, tomando forma como diferenciações subregionais. Assim, podem-se distinguir diversas faixas de ocupação dos espaços na região".

Todavia, o que me parece fundamental nesta parte

do trabalho, é entender o conjunto desse processo de ocupação, as suas complicações, as suas contradições e as suas tensões e ver o que pensar a este respeito na Região do Tapajós, uma área com as características bem particulares quanto à questão da propriedade da terra, por ser uma área de garimpo.

A história da ocupação da Amazônia confirma que os conflitos têm variado muito de área para área.

"Em cada uma dessas regiões a situação é bem diferente, o tipo de confronto também é muito diferente. A rigor nós temos locais muito definidos e que não convergem, por várias razões, que eu espero explicitar aqui, para um movimento único, para um confronto único. A Amazônia toda numa certa medida está envolvida numa espécie de convulsão anárquica que não tem, obviamente, características revolucionárias, mas que mostra uma forte resistência contra a expropriação de um lado, e contra a reexpropriação que se tenta em relação as pessoas que já foram expulsas de outras áreas, inclusive do Nordeste que, ocupam uma nova área tem aí que definir a sua permanência" (MARTINS, 1988: 129).

Deve-se acrescentar ainda a existência de um conflito que também constitui um fator importante para entendermos a colonização numa área de garimpo como a Região do Tapajós.

"Há uma outra ordem de conflito na região, entre

as próprias instituições engajadas no processo de povoamento, que muitas vezes discordam quanto à política a ser adotada. É patente por exemplo, a divisão no INCRA: uma corrente se mantém fiel a colonização pela concessão de lotes de cem hectares, enquanto outra afirma que, sendo impossível demarcar todo o polígono de desapropriação, a titulação deve ser liberada para aqueles que têm condições de arcar com a iniciativa de ocupação. Assim, na Região de Marabá e Altamira, tenta-se manter o sonho da Transamazônica, demarcando os lotes e fixando os colonos. Já na área de Rurópolis, em direção a Itaituba, onde a fronteira ainda é indefinida, predomina o segundo ponto de vista e a população é deixada à própria sorte (BECKER, 1982: 45-50).

Uma coisa é certa: o INCRA foi totalmente omissos e impotente na Região do Tapajós.

2. AS REPERCUSSÕES NO MUNICÍPIO DE ITAITUBA

Os processos de expansão do capital e o descaso do Estado no que tange à colonização marcaram profundamente o cotidiano de Itaituba.

A economia centrada na extração do ouro vai se diversificar. Nos anos 60, a Cidade de Santarém era quem dava apoio aos garimpos de Itaituba; este município se

beneficiava bem pouco dos garimpos; todas as transações comerciais eram feitas em Santarém.

Ao longo dos anos 1970/1980, a economia e a sociedade de Itaituba modificaram-se em ritmo cada vez mais rápido; as modificações alcançaram progressivamente todas as relações e atividades sociais. Nada ficou à margem da modificação, nem a vida cotidiana do garimpeiro lá nos garimpos, nem os interesses econômicos ou políticos dos patrões.

Com a implantação da Rodovia Transamazônica, aparecem as construtoras, os órgãos governamentais responsáveis pelas políticas desenvolvimentistas e a introdução da colonização oficial dirigida pelo INCRA. Novas relações de produção são introduzidas, expandindo o assalariamento na região, criando um mercado regional capitalista da força de trabalho.

Assim, a década de 70 começava para Itaituba com novas possibilidades de intercâmbio de mercadorias com outros centros através das rodovias Transamazônica e Cuiabá/Santarém muita gente e muitas informações. Em pouco tempo, caminhões e ônibus interurbanos começaram a fazer parte do cenário da cidade.

Pelo relato empolgante de um morador podemos constatar a importância da chegada do "progresso".

"A década de 70 tem se caracterizado pelo desen

volvimento de Itaituba, em todos os sentidos. Os governos têm olhado, com renovado carinho, a valorização econômico-social da região, seja na implantação de complexos rodoviários, assentamento de colonos, distribuição equitativa da terra, assistência social, assistência médica e odontológica, assim como criação de contingentes militares, para maior segurança da área. De 1970 até nossos dias, em face da afluência de migrantes, oriundos de vários estados da União, Itaituba teve o seu índice populacional aumentado em cerca de mil por cento. Tornando-se um município cosmopolita, pois aqui irmanam-se gaúchos, catarinenses, mineiros, paulistas, cariocas e nordestinos. O resultado de tal avalanche democrática foi e está altamente benéfica à Itaituba.

(Programa da Festa de Sant'Ana, 1977:14)

Esse entusiasmo, no entanto, só pode ser comparado à quantidade de problemas de toda ordem, que esse progresso trouxe ao município e à população. Não existia estrutura para receber uma quantidade incalculável de pessoas. A cidade ficou um caos.

Os órgãos de desenvolvimento ali implantados e encarregados de implementar os projetos que desenvolviam a região, não fizeram absolutamente nada. Nenhum projeto deu certo; na verdade, esses projetos só promoveram, além do caos social, a violência e a miséria. Parece que existia um projeto deliberado de "descaso" do Estado na aquela área.

Não existia um projeto claro para os trabalhadores; até a colonização da Rodovia Transamazônica no trecho de Itaituba não conseguiu ser implementada; trouxeram os colonos, demarcaram os lotes, mas o INCRA só conseguiu aprontar algumas casas...; e as outras famílias? ficaram em Itaituba pedindo esmola. Havia naquela região um álibi para o abandono dos lotes; o garimpo era um atrativo para os colonos. Os projetos implantados na região tinham outros objetivos; para a classe trabalhadora, só restava os efeitos "perversos", a outra face da região, maquilada por uma campanha publicitária, que, apesar dos desgastes, continua intensa. A "expansão do capitalismo" sobre a Amazônia se faz consumindo a própria região (PINTO, 1987: 3.7).

Por outro lado, observa-se que o crescimento de sordenado de Itaituba, naturalmente decorrente da dinâmica do capitalismo na região, passa a prescindir de qualquer vontade política. Tanto que, os seus administradores públicos não têm peso político. Essa omissão do Estado no município faz com que se legitime o desmando, a violência, o desrespeito. Itaituba, o maior município do mundo em extensão territorial, com uma área de 165.578 km², um dos municípios mais ricos do País, é também considerado o município mais violento, e o mais miserável. Prova disso é a condição da classe trabalhadora. Tanto os trabalhadores locais, quanto os que chegaram de todos os lados se encontram numa extrema miséria.

No início da década de 80, com o aumento do preço do ouro, a atividade garimpeira transforma decisivamente a Cidade de Itaituba; trata-se agora da destruição ambiental. Será difícil mensurar com precisão os impactos derivados do uso intensivo de mercúrio nos garimpos e na cidade. Por enquanto, não se pode fazer muito mais do que especular e examinar casos semelhantes de contaminação. Os estudos científicos são muito poucos. O Estado, por sua vez, tem atuado em relação à questão por um conjunto errático de políticas específicas e omissões, o que denota o desconhecimento da complexidade e da importância do fenômeno. Todavia, trata-se de fato bem concreto, e o espantoso é que pode haver uma catástrofe sem precedente na história da humanidade, que é a contaminação mercurial de um dos maiores rios da região, o Tapajós.

Não existe vontade política em resolver a questão, que vem sendo discutida pelos patrões do garimpo, que não querem ver diminuírem seus lucros. Não usar mercúrio, significa para eles diminuir a produção do ouro; não conhecem outra maneira de limpar o ouro que não seja através do uso do mercúrio. Como sempre, os garimpeiros que trabalham diretamente com mercúrio não estão informados da gravidade do problema, assim também a população ribeirinha.

E assim, aquela Itaituba pacata que fica às margens de um dos mais belos rios do mundo, com águas límpi

das, ruas arborizadas, só existe na memória dos antigos moradores.

Na verdade, observando-se a história de Itaituba, a classe trabalhadora foi violentada de acordo com o momento conjuntural.

3. AS TRANSFORMAÇÕES NO GARIMPO DO TAPAJÓS

A economia e a sociedade de Itaituba cresceram e diversificaram-se numa escala surpreendente. E, como consequência dessa diversificação, os garimpos sofrem grandes modificações. A exploração vai passar para outro nível, a predominância mercantil tomou um novo sentido. Os garimpos perderam certos aspectos específicos que foram incorporados no decorrer dos anos. Entretanto, não foram diluídas totalmente certas especificidades do garimpo e até hoje ainda se mantém uma estrutura produtiva muito complexa e com aspectos econômicos próprios.

Foi também a partir da década de 70 que as empresas de mineração começaram a ser atraídas pelo ouro do Tapajós; registros do DNPM mostram que os pedidos de alvarás de lavras se multiplicaram.

A partir de 1971, algumas mineradoras subsidiárias da Construtora Andrade Gutierrez S/A que, na época construía o trecho da Rodovia Transamazônica passando

por Itaituba, requereram áreas em vários rios afluentes do Rio Tapajós.

Nessa mesma época, o Governo Federal, através do Ministério das Minas e Energia desenvolveu campanha no sentido de incentivar a exploração mineral do País, em especial na Região Amazônica, então vivendo a euforia da integração desencadeada por várias medidas como a captação de incentivos fiscais e redistribuição de vultosas somas para financiamentos agropecuários, além do início das Rodovias Transamazônica e Cuiabá/Santarém.

A introdução da colonização oficial em lotes de 100 hectares provoca uma enxurrada de imigrantes. Esses trabalhadores, levados pelas circunstâncias, procuram abrigo nos garimpos, aumentando consideravelmente a população garimpeira.

"Em 1970, começou a Rodovia Transamazônica, dia 1º de setembro. Aí então com o evento das rodovias vieram vindo os peões para trabalharem na estrada, eles chegavam e aprendiam que no garimpo eles ganhavam mais, largavam a estrada e iam para o garimpo. Então isso foi um veículo para conduzir muita gente para os garimpos. Eles vinham trazidos pelas empresas, eles não iam trabalhar sacrificado como trabalhavam sabendo que no garimpo ganhavam mais... foi aí que houve a grande explosão demográfica de Itaituba e nos garimpos também com a facilidade das rodovias".

(Entrevista nº 1)

Os anos subsequentes a 1970 são marcados por dificuldades para a maioria dos garimpeiros. Tem-se notícias de muitas mortes que, antes, os garimpos não conheciam. Alguns fatores externos, como o aumento do combustível, encarecem muito mais o preço dos produtos nos garimpos.

*um garimpo
de ouro*

A partir de 1977, começa a ser implantado um novo processo de trabalho. Essa mecanização resultou em melhor rentabilidade na extração do ouro.

Há uma tendência a identificar o início da frente garimpeira a partir dos anos 80, com o aumento do preço do ouro e com a abertura de Serra Pelada. Trata-se de uma meia verdade; a nosso ver, a corrida desenfreada para os garimpos de ouro na Amazônia só pode ser compreendida na sua totalidade se a considerarmos do ponto de vista da dinâmica do capitalismo na fronteira Amazônica, no conjunto da dinâmica do capitalismo na agricultura brasileira. Ou seja, o fenômeno garimpo na sua essência representa a situação geral da sociedade brasileira como reflexo das transformações por que passa a agricultura. Assim, não se pode querer analisar o garimpo de um modo geral, ou o garimpo do Tapajós em particular, simplesmente a partir da evidente constatação de que a corrida para os garimpos se dava especialmente ao aumento do preço do ouro. O ponto fundamental das mudanças aí ocorridas nas últimas décadas é que foram resultado da transformação que sofreu a região, processo esse presidido pe

lo capital monopolista e que em menor ou maior grau significou a transformação da região como um todo. Nesse sentido, o garimpo passou também por um processo de transformação que, em última instância, significa uma fase de exploração predominantemente mercantil para uma fase mais avançada de exploração.

A partir da etapa de mecanização, o garimpo inicia um processo de expansão praticamente sem retrocesso, incentivado pelo aumento do preço do ouro no mercado internacional (1979/1980); e pela forte publicidade dos meios de comunicação do País. Houve considerável expansão da população garimpeira e um aumento na produção do ouro que não é acompanhado na mesma proporção pelo crescimento econômico da maioria dos garimpeiros. Apenas poucos, ou seja, os patrões têm levado a maior fatia, proporcional à expansão dos garimpos.

Observa-se a preocupação dos donos dos garimpos, em legitimar sua atividade garimpeira, resguardando seus direitos sobre as jazidas, requerendo alvarás de pesquisa mineral junto ao DNPM e ainda requerendo direitos de posse ao INCRA, cobrindo as áreas de seus interesses.

V . O GARIMPO SOB CONTROLE DO CAPITAL

1. O NOVO PROCESSO DE TRABALHO

"Era tudinho manual, ninguém em sonho sabia dese serviço que tão fazendo hoje no garimpo, era mais descansado".

(Entrevista nº 6)

A utilização de máquinas no garimpo do Tapajós em meados dos anos 70, dá início a uma nova era na vida dos garimpeiros. No período anterior, via-se diferentes formas de relação de trabalho, mas a base técnica era essencialmente manual. O depoimento de um antigo "dono de garimpo" revela como foi se dando a transformação.

"No início, era bem rústico mesmo, ia pra lá com uma peola, pá, enxada, picareta. Ia pra lá, fazia aquela prancheta (é um buraco pequeno de 1m² ou 1 x 2); aí localizavam um ouro zim melhor, aí baixavam o barranco e vinha água. Antigamente tinha que passar quase seis meses no barranco. Tinha que botar pau assim pra segurar as barreiras do lado, segurar com cipó e tal... Depois disso foi entrando o carrinho de mão. Lá botava mais longe. Ia fazer aquela coisa de pegar o cascalho dentro do buraco, levava até 60, 80 metros fora do barranco pra levar pra lá. Com o carrinho de mão, lá botava mais gente, cinco, seis até 10 trabalhando. Lá era um barranco bem maior, levava longe pra ser lavado. Depois disso, veio aquel

la onda de draga e balsa; bem depois de 70 foi que mudou totalmente. Foi o ano que deu mais produção em relação hoje, de 80 pra cá, foi uma produção grande e foi um inverno grande também mas teve muita produção".

(Entrevista nº 30)

Hoje os garimpeiros passam por uma experiência decisiva em termos tanto da forma de organização do trabalho como das relações sociais de produção.

A entrada das máquinas, porém, tornando o processo mecanizado, aumenta a divisão do trabalho assim como a hierarquização e diferenciação interna dos garimpeiros.

O processo de trabalho atual se dá da seguinte forma:

Na primeira etapa de produção, isto é, na extração, o processo de seleção, lavagem e bombeamento do material (terra e cascalho), são utilizados, além de pás e picaretas, duas bombas, conhecidas como "bico-jato" e "maraca" que são movidas por motores a diesel denominados "par de máquinas". Esse processo com a utilização de bombas para desmanchar e bombear a terra, cascalho é chamado de desmonte hidráulico que permite um desmoronamento do barranco em quantidade maior e mais rápido.

O que denominamos de segunda etapa, consiste em dragar o material que foi desmontado com o bico-jato

até a caixa concentradora para onde o material é puxado através da maraca. Nessa segunda etapa o trabalho volta a ser manual; os garimpeiros utilizam a "bateia" e a "cuia", instrumentos tradicionais. O material que acumula nas ripas e cobertores da "cobra fumando" é retirado lavado, relavado e finalmente misturado com o mercúrio. Por propriedades próprias desse metal, o ouro se funde ao mercúrio liberando ainda mais barro e ferro.

A última etapa, constitui-se na queima do concentrado obtido por intermédio de maçaricos. Dessa forma, o mercúrio evapora, ficando apenas o ouro em condições de ser vendido.

Os serviços do garimpo com a utilização de máquinas envolvem uma divisão técnica do trabalho e sua distribuição entre os garimpeiros. Os garimpeiros se especializam em diferentes atividades; embora pareça dispensável uma qualificação nos trabalhos com as máquinas no garimpo, isso não corresponde no entanto à realidade, principalmente na primeira etapa da produção onde a utilização de alguns instrumentos de trabalho não exclui a existência de um processo de aprendizado, onde poderia se identificar a presença do chamado trabalho qualificado. Trabalhar com o bico-jato exige muita técnica. O bicojateiro, para realizar essa tarefa, não tem apenas que ser capaz de realizá-la, como realizá-la dentro do tempo de trabalho socialmente necessário para aquela etapa de produção (MARX, 1983, I: 162). As demais atividades não

exigem uma qualificação, no sentido de que os outros ga
rimpeiros podem ser intercambiáveis. Este seria o caso
do maraqueiro, do boleiro, do raleiro e até do gerente
considerados serviços mais simples. Assim, esse novo pro-
cesso de trabalho envolve as seguintes categorias de tra-
balhadores: bicojateiro, maraqueiro, raleiro, boleiro,
gerente e cozinheira que compõem as equipes de trabalho
no garimpo.

O bicojateiro é aquele garimpeiro cujo traba-
lho consiste em controlar com muita técnica o bico-jato
para desmontar um barranco.

O maraqueiro trabalha com a bomba de sucção,
ou seja, a maraca que puxa o "concentrado" (areia, casca-
lho).

O boleiro ou catador de pedras, cuida da lim-
peza para que pedras e paus não prejudiquem o trabalho
do bico-jato e da maraca.

O raleiro trabalha na "cobra fumando", na cai-
xa concentradora.

O gerente tem como tarefa organizar a produção;
o bom funcionamento da equipe depende deste; providencia
o óleo para os motores, alimentação para equipe e é o
homem de confiança do "dono do garimpo".

A cozinheira cuida da manutenção desses garim
peiros, para que na hora certa, os garimpeiros façam as

refeições; também contribui para o equilíbrio emocional de cada garimpeiro.

Estas são as categorias básicas, mas não as únicas. Há casos em que o dono da máquina, como é o caso dos "autônomos", dirige sua própria equipe de trabalho. Fora o bicojateiro, os outros garimpeiros podem executar diferentes tarefas.

A referência ao trabalho qualificado com a utilização de máquinas no garimpo, questiona como a diferenciação entre os garimpeiros é manipulada pelos patrões, especialmente no processo de apropriação do trabalho dos garimpeiros. Ocorre no entanto, que essa qualificação do garimpeiro parece não ser levada em conta, pelos patrões. E aparece como se verã:

"(...) entre eles escolhem o melhor, eles sabem; nessa parte eles são unidos: sabem perfeitamente quem é o melhor do que ele e vai dar preferência para outro".

(Entrevista nº 30)

Para os garimpeiros autônomos que possuem máquinas, parece ser importante ressaltar essa qualificação.

"Langresar o barranco é o trabalho mais profissional; geralmente em toda equipe tem aquele que sabe resumir o barranco. A gente dá sempre uma gorjeta particular, fora os 30 por

cento".

(Entrevista nº 33)

Como esse aprendizado se faz dentro do proceso de trabalho, dispensando ensinamentos formais, os patrões jogarão sempre com esse dado, o que reforça a divisão interna na relação dos garimpeiros.

Embora os donos de garimpo não atuem na distribuição das equipes, os próprios garimpeiros mesmo partindo do princípio de que nem todos são capazes de fazer todo o serviço, e para o bom funcionamento do barranco, exige que os garimpeiros sejam colocados nas tarefas que possam render mais; e o que os faz render mais é a qualificação propriamente dita.

Em sua prática cotidiana procuram sempre os trabalhos em que possam se "sair melhor".

"A gente vai aprendendo; eu mesmo era brabo quando cheguei aqui; não sabia nada desse trabalho".

(Entrevista nº 34)

São essas categorias de brabo e manso que caracterizam a diferenciação entre os garimpeiros nesse novo processo de trabalho.

2. A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO

removendo
do
do
do

Os garimpos do Tapajós conheceram diferentes formas de organização de trabalho sem que a passagem por cada uma delas significasse melhora para os garimpeiros. Os garimpeiros do Tapajós tiveram uma evolução lenta, tanto no que concerne às relações e métodos de trabalho quanto do ponto de vista da produção e da tecnologia utilizada na extração do ouro. Desde os métodos tradicionais de exploração dos aluviões, através da catanos barrancos, passando pela dragagem no leito dos rios, através das balsas, até o uso dos "bico-jatos" hoje empregados no desmonte, numa evolução tecnológica em que cresce a mecanização e se evolui para os métodos da mineração "regular" (GUERREIRO, 1984: 89).

avista

Os relatos de vida deixam entrever como sempre foi muito difícil o trabalho no garimpo. Houve as turmas - um grupo de garimpeiros executava o trabalho, sob a supervisão de um encarregado, remunerado à base de diária.

"Naquele tempo a gente ganhava a diária de 0,3 grama de ouro, transporte e alimentação; dava demais".

(Entrevista nº 2)

Até a metade da década de 60 a maioria dos garimpeiros trabalhava nesse sistema. Na década de 70, os os

diaristas ainda constituíam a grande massa trabalhadora do garimpo mas a remuneração, ou seja, a diária era da ordem de 0,8 a 10g de ouro (SALOMÃO 1981: 41). Nesse período já existia um vínculo alternativo; com certa frequência é o sistema de meia-praça no qual o resultado da produção, isto é, o que sobra de ouro após o pagamento da cantina, é dividido entre o dono do barranco, que recebe 50%, e os garimpeiros que rateiam entre si a outra metade (SALOMÃO, 1981: 42).

A relação entre o dono do garimpo, o cantineiro, o dono do barranco e o diarista se dava através de um conjunto de normas de comportamento que compreendiam verdadeiro "pacto do garimpo" (SALOMÃO, 1981: 42). O "pacto do garimpo" fundamenta-se no binômio liderança-confiança. O compromisso de respeito ao combinado, ao trato verbal conferiam às relações interpessoais um elevado grau de honestidade e eficiência. Assim, era comum o fornecimento da cantina a milhares de homens, controlado pelo velho sistema de "borrador". Trata-se do velho sistema de aviamento usado na época da borracha, só que, no garimpo, como assinala SALOMÃO (1981: 44), introduz-se um elemento novo no mecanismo tradicional, que tem forte sentido equilibrador: a sorte. No aviamento, na época da borracha, existiu uma relação direta entre quantidade de trabalho e quantidade de produção, apesar de que a remuneração fosse fixada a posteriori e estivesse sujeita a reduções em relação àquilo que era espe

rado. No caso do garimpo, esta relação, apesar de presente, é complementada com a perspectiva de "bamburro", de tal forma que confere maiores chances ao "aviado" e maiores riscos ao "aviador", embora este disponha de mecanismos de proteção de seus interesses. No trato diário, observa-se um grande respeito ao cumprimento de pequenas promessas, como dar um recado, levar uma encomenda e não havia roubos no garimpo.

"(...) chegava na área de um garimpo; se você tava lá e dizia assim: Oh velho, eu vou pra Itaituba, não quer mandar alguma carta pra tua família, alguma coisa... O outro dizia: Rapaz, eu vou mandar um ouro. Avisava pra todo mundo, pra todo mundo mandar na sua responsabilidade pra sua família. Hoje em dia não se pode fazer isso".

(Entrevista nº 2)

Em data mais recente, no final da década de 70, os diaristas foram substituídos pelos meia-praça. O garimpeiro passa a ser remunerado exclusivamente na base da produção. Se o garimpeiro não tiver sorte num barranco, mesmo que tenha trabalhado, não será remunerado. Aí é que funciona o pacto do garimpo a que SALOMÃO (1981: 41) se refere.

A relação de diarista caracteriza-se pela virtual inexistência de máquinas. O sistema extrativo era essencialmente manual.

Vale destacar alguns aspectos típicos do garimpo. O primeiro deles é a valorização do fator "sorte", uma vez que dela depende o "bamburro"; e o tamanho padrão do barranco fixado por consenso em 10 x 10m. Assim, os donos do barranco passavam a ter um referencial seguro quanto a quantidade de trabalho e teores econômicos, permitindo que os garimpeiros experientes desenvolvessem um agudo senso de previsão com relação à rentabilidade do serviço (SALOMÃO, 1981: 43).

meia praça
PS
e
reduzido

O sistema meia-praça se diferencia do diarista porque nele não existe a supervisão do encarregado. A passagem do diarista para meia-praça não significaria apenas a mudança na remuneração. Na relação de meia-praça, reduz-se o risco do dono do barranco. Como diarista, o garimpeiro não se preocupava com o resultado da produção porque sua diária era assegurada de qualquer forma. O sistema meia-praça permite que o dono do barranco abra mão de determinadas pressões para que o garimpeiro execute o trabalho no garimpo. Seguindo as fases de evolução da organização do trabalho, se articularmos a predominância do sistema de "sócio" ou "porcentagens" com relação ao "meia-praça", seria possível pensar que, com o "sócio", estaria se introduzindo o germe do trabalho assalariado e as condições necessárias para um aumento da intensidade de trabalho (SIGUAD, 1979:138). Vale lembrar que a passagem para o meia-praça, simultaneamente sócio, leva o garimpeiro a aumentar a intensi

meia praça
PS
e
reduzido

dade de trabalho pois a sua remuneração depende também da produção. A relação de sócio está sendo intensificada com o uso de máquinas numa relação não mais de 50%, como era no meia-praça, mas de 30% para os garimpeiros e 70% para o dono das máquinas.

No regime de produção atual no garimpo, estando assim organizado e mantendo parcialmente determinados elementos do passado, o sócio experimenta uma sensação de liberdade. Mas esta liberdade do garimpeiro, no momento atual do garimpo do Tapajós, se restringe apenas à liberdade de mudar de patrão e essa liberdade é um pressuposto das novas relações. Não podemos esquecer que esta relação de sócio tem peso fundamental para esconder ideologicamente a desigualdade real do contrato de trabalho. Sem esse fetiche da igualdade, a relação capitalista não é completa.

"(...) porque o peão é sócio da gente, ele é sócio. Ele não tem um compromisso empregatício, um vínculo empregatício. Agora, por exemplo, um barranco produz 100g de ouro, 30% é a parte dele e 70% fica pra você cobrir o combustível, a reposição de peças e equipamentos e alimentação daquele pessoal que tá trabalhando. Agora, quanto ao problema de doença, alguma coisa que lhe aconteça, aí compete a responsabilidade dele".

(Entrevista nº 40)

O domínio dessa ideologia da relação de traba

lho de sócio não atinge da mesma forma individualmente cada garimpeiro. Na verdade, no coletivo dos garimpeiros, essa ideologia da relação de sócio tem uma força impressionante. Assim, é na própria relação social que reside o fetiche, próprio da nova forma de submissão da força de trabalho (SIGAUD, 1979: 139).

O fato de que o garimpeiro é representado como livre, cria condições favoráveis para que os donos de garimpos se apropriem do seu trabalho com mais eficácia. Em outras palavras, o garimpeiro é forçado a vender não uma mercadoria mas a sua capacidade de trabalho como mercadoria disfarçada na relação de sócio do garimpo pois o conjunto dos meios de produção, das condições objetivas do trabalho e o conjunto dos meios de subsistência erguem-se perante ele como propriedade de outrem (MARX, 1985-VI: 23).

Até aqui vimos de um modo geral as diferentes formas de trabalho nos garimpos do Tapajós. Mesmo aqueles que se mantêm como autônomos, próximos aos grandes garimpos, via de regra mantêm a mesma forma de trabalho e o mesmo tipo de remuneração, ou seja, o mesmo sistema vigente nos grandes garimpos. São os pequenos produtores que, mesmo se mantendo com dificuldades sob o peso dos donos de garimpo, são mantidos e recriados por estes.

Assim, VERGOPOULOS (1977: 160), quando se refe

re à persistência do camponês como uma recriação do sistema capitalista, diz que as velhas formas são ressuscitadas e reconstituídas pelo sistema para criar o metabolismo do capital sobre um corpo social de uma disformidade e irregularidade sempre crescentes.

No caso em questão, observa-se que, mesmo não se tendo relações acabadas ou tão claras na forma clássica como em outras atividades, os garimpeiros autônomos também fazem parte do conjunto do sistema de forma especial e bem irregular.

3. OS SEGREDOS DO GANHO

Na análise da questão das formas de trabalho pelas quais passou o garimpo do Tapajós e suas consequências sobre os garimpeiros, a configuração de uma lacuna aparece várias vezes: a concepção do ganho para os garimpeiros.

A questão do ganho dos garimpeiros é muito complexa pois esconde a essência daquilo que é mais escamoteado e mais velado dentro das relações capitalistas: a exploração da sua força de trabalho.

Essa diferenciação manifesta-se, a primeira vista, quando do exame do discurso dessas duas catego

rias. É importante perceber que o termo ganho aparece muito mais no discurso do patrão, que nunca usa o termo salário. Os garimpeiros também usam o mesmo termo quando se referem a sua remuneração, só que para estes tem um significado mais específico, e sempre existe a relação com o salário mínimo usual.

"Quando eu vim pra cá, eu trabalhava em Belém de motorista, ganhava (3) três salário mínimos; aqui passei a ganhar 80 salário trabalhando de porcentagem. Então, pra mim, compensou porque o meu sonho e de minha esposa era uma casa própria e hoje a gente tem".

(Entrevista nº 40)

Como a remuneração dos garimpeiros se dá de forma diferente do salário mínimo, o uso da categoria ganho refere-se de maneira específica ao montante que o garimpeiro recebe depois de encerrar o trabalho no barranco.

As palavras do garimpeiro acima colocam em pauta a questão da remuneração para o garimpeiro, numa frase que emerge espontaneamente dos lábios da maioria deles: "Trabalhar com ouro é bom pra gente ganhar dinheiro". A expressão recorrente revela a natureza e a complexidade da questão mais fundamental para os garimpeiros, como para todos que trabalham no garimpo: "Vale a pena; na realidade ganha dinheiro". Este fato de "ganhar muito dinheiro é a marca indelével do garimpo". En

quanto o garimpeiro pensa o garimpo como sendo o lugar onde se "ganha muito dinheiro", ele o vê como a recom pensa do seu trabalho e explicita a própria ideologia dos patrões que, através dos mais diferentes mecanis mos, querem tê-los como aliados.

"Mas hoje o cara que quer viver honestamente, se ele é analfabeto, ele não sabe outra coisa, não tem outra coisa, não tem campo melhor do que o garimpo, não tem lugar melhor do que o garimpo".

(Entrevista nº 41)

A forma de remuneração mais comum hoje no ga rimpo é a porcentagem em que 70% da produção fica para o patrão e 30% são divididos entre os cinco garimpeiros que trabalham na máquina, ou seja, para a equipe.

"Por exemplo, se dá um quilo de ouro, 300g é dividido entre os cinco homens, 700g é do do no da máquina para pagar o rancho, para pagar o óleo, para pagar tudo. A cozinheira os ga rimpeiros pagam, geralmente é vinte grama. To do mundo trabalha assim, é geral aqui nos ga rimpos".

(Entrevista nº 21)

A remuneração dos garimpeiros varia muito, de pendendo do resultado da produção de cada barranco; mes mo assim, é bem superior ao valor do salário mínimo, o que coloca o garimpeiro em vantagem em relação a qual

quer outrô trabalhador braçal. Sem dúvida que o garimpo significa, no município, o lugar de trabalho que todos procuram na região. Pode-se observar isso nos relatos de vida dos entrevistados. A passagem de qualquer antigo emprego anterior para a condição de garimpeiros significa uma mudança qualitativa em relação à situação anterior.

"No garimpo tu vê dinheiro", "a gente ganha muito dinheiro", "no garimpo consegui ter uma vida liberta". Falam ainda da possibilidade de ter casa, de conseguir uma terra, alguma reserva financeira.

Apesar do sofrimento causado pelas enormes jornadas e pelas condições de trabalho, o garimpeiro justifica sua permanência no garimpo. Se se "olha para trás", como dizem os garimpeiros, ninguém tem razão de se queixar, pois a remuneração do garimpeiro também tem a sua história, como já se mencionou nos capítulos anteriores.

"Naquele tempo, a gente fazia 200, 300g de ouro com pouco dinheiro. Hoje pouco ouro é muito dinheiro".

(Entrevista nº 2)

Seguindo as fases do processo de trabalho, observa-se que a partir da entrada de máquinas, implanta-se no garimpo uma política de remuneração que favorece a formação de garimpeiros mais qualificados e com mais

energia e disposição para colaborar com os planos de ex pansão dos patrões. O ouro estava com preços altos no mercado internacional e teve reflexos no mercado inter no, em função principalmente da cotação do ouro estar atrelada ao dólar paralelo. Isso significa intensificar a produção, alterar a forma de remuneração dos garimpei ros unida a uma habilíssima propaganda ideológica do ga rimpo de que se ganhava muito dinheiro de forma fácil. Por outro lado, coincidindo com a desapropriação em mas sa dos trabalhadores rurais de outras regiões, favorecendo a migração em massa para a região.

Assim, enquanto para o garimpeiro, a remuneração é representada como uma dádiva, "o garimpeiro depende de sorte e graça a Deus é o que eu tenho muito" (Entrevista nº 17), para os donos de garimpo, dentro dos seus cálculos econômicos, a remuneração do garimpeiro é um dos itens dos seus custos de produção que não convém alterar muito para não comprometer a sua taxa de lucro e nem planos de expansão, mas que deve se equilibrar para não prejudicar a produção. Além disso, se para os garimpeiros a remuneração depende de sorte - numa nova relação de trabalho, ou seja, o trabalho por porcentagem que o patrão oferece por sua força de trabalho e que por isso ele acha que está bem remunerado -, para o dono das máquinas, essa relação de porcentagem (na qual o garimpeiro trabalha na máquina dele como sócio) está belece estratégias de poder e de dominação do garimpei ro.

"Agora, quando surgiu a draga chupadeira, o cara trabalha assim nesse regime de 30%. É por isso que se generaliza o troço e se diz o sôcio porque o peão passa a ser sócio da gente. Ele é sócio. Ele não tem compromisso empregatício, um vínculo empregatício. Agora, por exemplo, um barranco produz 100g de ouro, 30% é a parte dele e 70% fica pra você cobrir o combustível, a reposição de peças de equipamento e alimentação daquele pessoal que tá trabalhando. Agora quanto o problema de doença, alguma coisa que a ele aconteça aí compete a responsabilidade dele".

(Entrevista nº 19)

Por isso, se numa primeira abordagem, o garimpeiro exalta sua remuneração no garimpo porque o compara às remunerações dos outros trabalhadores ou ainda quando compara com suas antigas remunerações, quando compara com os donos dos garimpos seus parâmetros de avaliação se modificam.

"Aqui a gente ganha bem, o que revolta a gente é que muitos enricam e a gente não".

(Entrevista nº 23)

Ou ainda:

"Aquele quando era pobre falava com a gente; hoje nem olha pra nós".

(Entrevista nº 20)

Quando os garimpeiros falam assim, estão sem pre se referindo aos donos de garimpos que, depois que enricam se distanciam dos barrancos.

4. AS NOVAS FORMAS DE SUBMISSÃO DOS GARIMPEIROS

Uma das características do processo de trans formação dos garimpeiros do Tapajós tem sido o fato de que, até agora, não se consumaram realmente antigas for mas de relações sociais. Mesmo que, com o uso intensivo das máquinas onde a maioria dos garimpeiros sejam obri gados a trabalhar de "porcentista", que é um empregado cuja remuneração é em porcentagens do minério obtido. Assim mesmo, antigas formas de relação convivem com as atuais, tornando mais complexas as relações de explora ção que se estabelecem no garimpo.

A força de trabalho no garimpo do Tapajós, a grosso modo, está assim dividida: os garimpeiros que trabalham com os "donos de garimpo" numa relação dita de "sócio" ou "porcentistas" que são a maioria e os "au tônomos", que trabalham por conta própria e não têm lo cal fixo. Não está em jogo aqui uma simples distinção de trabalho mas uma distinção ao nível das relações so ciais que envolvem esses garimpeiros com os patrões e que aparece na forma de uma mudança apenas no processo

de trabalho, porque através da forma de trabalho é que se estabeleciam as relações entre os patrões e os garimpeiros.

Com o uso intensivo de máquinas, o garimpeiro parece ter melhorado sua condição de trabalho, no sentido de que agora a máquina torna o trabalho menos pesado. As máquinas no entanto não vão por fim à submissão do garimpeiro, embora a relação de "porcentista" conhecida também como "sociedade"; queira transparecer uma igualdade como era na relação meia-praça; apenas dissimula a realidade da submissão que agora está sendo assegurada por outros mecanismos que medeiam esta relação.

O depoimento de um dono de garimpo revela um pouco isso:

"(...) ficou muito bom para eles, inclusive, eu acho bem melhor para eles até que para o próprio patrão; em parte porque eles ganham 30% bruto. O patrão tem que recompor a quebra de máquinas, peças, bomba e comida... Aí eles passam melhor; aí já não tem tipo aquela escravidão, carrinho de mão, sol quente, já trabalham pouco dentro d'água, já come carne de gado. A coisa tá melhorando cada vez mais para o garimpeiro com as máquinas, hoje melhorou muito mesmo".

(Entrevista nº 26)

Por outro lado, nem todos concordam ao descrever essa nova forma de relação.

"O aparecimento do porcentista explica-se, por conseguinte pelo monopólio de poucos indivíduos sobre os "barrancos" e pela mecanização, de tal forma que quem quiser tocar um serviço terá que desembolsar dinheiro suficiente para comprar (ou arrendar) a área, adquirir o maquinário e ainda manter a equipe com o fornecimento do rancho e das ferramentas. É importante deixar claro que o porcentista não se diferencia do meia-praça apenas pelo fato de receber um percentual inferior. O meia-praça é um sócio do empreendimento, enquanto o porcentista é um empregado".

(LAZARIM e RABELLO, 1984)

A divisão básica dos garimpeiros do Tapajós em apenas dois grandes grupos dos "sócios" e dos "autônomos", não exclui a existência de outros. Embora a grande maioria dos garimpeiros esteja atualmente assim distribuída. De qualquer forma, para se entender os níveis de exploração a que estão submetidos os garimpeiros é necessário aqui, se fazer mais uma distinção entre o grupo dos "autônomos". O autônomo propriamente dito, é aquele garimpeiro que através do bamburro ou de favorecimento de algum "dono de garimpo" conseguiu comprar um ou dois pares de máquinas, trabalha por conta própria, geralmente vive próximo dos grandes garimpos para se abastecer do que necessita; muitas vezes consegue

comprar ou arrendar um pedaço de terra do dono do garimpo, mas a maioria vive mudando de local de trabalho. O autônomo se considera um garimpeiro "livre" no sentido de que não está mais submetido a nenhum dono de garimpo em particular, podendo ter sua própria máquina para trabalhar. "Agora trabalho só pra mim". Não se ligando mais a nenhum dono de garimpo em particular, ele passa a poder se relacionar potencialmente com todos os donos de garimpo. Todavia, esse garimpeiro autônomo que possui máquinas, necessariamente precisa de uma equipe de garimpeiros para trabalharem em suas máquinas. Esses garimpeiros também se auto-denominam "autônomos"; são que vão ser submetidos ao mesmo processo de trabalho no sentido do conteúdo das tarefas e do tipo de tecnologia a que se encontram submetidos os que trabalham para os donos de garimpo e até a remuneração do seu trabalho é igual. Mas o tipo de relação com o dono da máquina e as condições de trabalho é que serão alterados. E é justamente no tipo de relação entre o "dono das máquinas" por um lado e os "donos de garimpo" por outro e os seus respectivos garimpeiros que parece residir o segredo do aumento da intensidade de trabalho. Porque ao trabalhar com um autônomo, dono de máquina, o garimpeiro não estaria se liberando de um determinado tipo de subordinação; este estaria apenas se livrando de um tipo de mecanismo de extração de sobretrabalho, passando a se submeter a outros mecanismos também de extração de sobretrabalho próprios à situação de garimpeiro autônomo.

O que queremos, é chamar atenção para o fato de que quando um garimpeiro afirma que é autônomo, é por que ele não está se vendo como um garimpeiro ligado a algum patrão, porque parece não existir realmente e porque aquele garimpeiro autônomo dono da máquina, não se comporta como patrão e sim como um membro da equipe de trabalho. Por autônomos, estamos entendendo aqui aquele dono de máquina que não é ligado a nenhum dono de garimpo especificamente, ou seja, é um garimpeiro que possui uma máquina ou duas, que mantém uma equipe de garimpeiros que trabalha com ele. Esse é diferente daquele garimpeiro que trabalha para alguns "donos de garimpo", as relações sociais que envolvem esses garimpeiros são diferentes.

Haveria ainda, uma distinção, não entre os garimpeiros, mas entre os "donos de garimpo" e o autônomo dono de máquinas.

O autônomo não pode manter o financiamento de sua máquina sem o apoio de alguns donos de garimpos; só que como autônomo essa relação se dá de forma diferente; o autônomo não está submetido aos donos de garimpo por interferência direta no processo de produção, mas sim por interferência indireta mediante complexos necessários de controle.

Os donos de garimpo possuem alvará de licença fornecido pelo DNPM, são assim os "donos da terra" onde

trabalham, têm às vezes mais de cem pares de máquinas trabalhando, controlam a pista, cantina, farmácia e são proprietários do avião; além de manter um grande número de garimpeiros que trabalham em suas máquinas numa relação de "porcentagem". Cada equipe de garimpeiros possui um gerente responsável pelo trabalho no baixão. O dono do garimpo administra tudo, ou seja, as outras atividades. É comum os donos de garimpo manterem dentro de "suas terras" muitos autônomos e em determinado momento os incentivarem a se manterem ali; dando-lhes certas vantagens sem que isso implique em dependência empregatícia ou prejudique seus lucros, ao contrário, mantê-los ali é uma forma de aumentar ainda mais o lucro.

Há ainda a distinção ao nível das relações, com sua equipe, entre os donos de garimpos e o autônomo.

"O garimpeiro que trabalha com um autônomo não é explorado, existe garimpo que o garimpeiro não é liberto, é humilhado. Ele mesmo não batalhou no garimpo como eu; pegou de baixo; não sabe como é o sofrimento dos garimpeiros, muitos donos de garimpo que se dizem garimpeiros mas nunca trabalhou num barranco".

(Entrevista nº 37)

O que parece também importante considerar, é que embora pareça inevitável nos garimpos do Tapajós a absorção da pequena produção pelos donos de garimpo, dada as condições atuais e considerando uma série de fato

res que são desfavoráveis aos autônomos, no momento e existe interesse em manter esses autônomos independentes da vontade destes.

A divisão dos garimpeiros entre "porcentista" e autônomo é necessário para que se realize um determinado tipo de acumulação, através do aumento da intensidade de trabalho e conseqüentemente da taxa de mais valia. (MARX, 1984 - II: 153).

Como não há alteração no processo de trabalho, nem na forma de remuneração, ambos são "porcentistas" ; a diferença entre as condições de trabalho dos autônomos e dos que trabalham como sócios será encontrada no quantum de trabalho fornecido por cada equipe.

"(...) depende do esforço deles, se trabalhar bem, ganha bem".

(Entrevista nº 38)

Se o uso de máquinas significa mudanças internas na diferenciação de quem as possui, as condições de trabalho também são afetadas, sem se tornarem por isso agradáveis. Os relatos de vida dos garimpeiros deixam entrever as dificuldades tanto trabalhando como sócios quanto como autônomos. As jornadas são extensas e cansativas; o ambiente insalubre e a malária, tudo é lembrado como se percebe nos seguintes relatos:

"Eu sô trabalho no garimpo, porque não tenho colônia. O homem nasceu para isso, as condições de trabalho são muito duras".

(Entrevista nº 31)

Ou:

"Quem leva sorte se dá bem, quem não leva só trabalha para os outros".

(Entrevista nº 32)

Ora, trabalhar no garimpo quer seja como "sôcio", quer seja como "autônomo", o garimpeiro está sempre subordinado a alguém, é obrigado a trabalhar nas condições impostas por alguém. Embora essas relações de exploração que se estabelecem nem sempre apareçam em sua forma real, são mediatizados por outras relações, principalmente as que se dão entre o garimpeiro e o dono de garimpo. Os depoimentos de alguns garimpeiros revelam o controle exercido pelos donos de garimpo. Aparentemente, a subordinação/dominação parece ser aceita. No entanto, a existência de uma diferenciação interna entre os garimpeiros é que irá explicar o fato de que, submetidos ao mesmo tipo de pressão nem todos sejam atingidos da mesma forma e conseqüentemente, não reajam da mesma forma. Muitos lutam contra as condições impostas, abandonando o garimpo em que trabalham, ou seja, "varando" para outros garimpos.

"(...) é o jeito trabalhar no garimpo para ganhar um dinheiro mais melhor".

(Entrevista nº 5)

"(...) até agora, só estou trabalhando para ficar vivo. Quando a gente pega malária como eu, melhora, vai trabalhar e assim vai perdendo as forças. Só ainda não saí porque não tenho condição".

(Entrevista nº 16)

"(...) a gente trabalha muito mas não tem nada, sofre demais no garimpo, acaba as forças; também no garimpo já tá difícil de arranjar vaga. Tem que trabalhar doente. Quando os garimpeiros chega com saúde, te dão trabalho; pega malária, são deixados a morrer, mas a gente que não estudou não tem direito".

(Entrevista nº 17)

Esses homens demonstram muito ressentimento e revolta, muitos deles sentem-se "humilhados" frente aos companheiros pelo fato de não terem tido sorte no garimpo. Como já assinalara ENGELS (1986: 42) quando se referia aos trabalhadores londrinos, "sei muito bem que para cada homem que vive esmagado sem piedade pela sociedade, há dez que vivem melhor, mas afirmo que milhares se encontram em situação indigna". O mesmo podemos dizer para os garimpeiros. Embora alguns garimpeiros vivam em situação melhor, mas afirmo que milhares deles, sem que a culpa seja sua e apesar de todos os esforços

podem vir a ter a mesma sorte.

Há ainda um outro fato que dissimula a exploração no garimpo. Observa-se que os métodos de coerção, são os mesmos dos que possuem máquinas, todos tem que trabalhar por produção; os maus tratos e a arbitrariedade só são amenizados pelas tentativas dos garimpeiros em encontrar muito ouro em cada barranco. O tratamento humano dependerá, pois, da maior ou menor sensibilidade de cada patrão, ou da habilidade dos garimpeiros em se fazer respeitar.

Na verdade, não existe diferença nas condições de trabalho dos garimpeiros que trabalham como "sócio" em relação dos que trabalham como autônomos, embora alguns garimpeiros o façam. Se existe essa diferença, elas se anulam e garantem aos donos de garimpo e donos de máquinas um único resultado que é o aumento da intensidade de trabalho. Porque mesmo os garimpeiros que trabalham como "sócio", para os donos de garimpo em condições menos agradáveis de trabalho se for o caso, se esforçarão para cumprir bem sua jornada, a fim de assegurar uma boa produção no término de cada barranco. No final tudo será dividido.

5. O SINDICATO: DEFESA DOS TRABALHADORES OU DOS PATRÕES?

Antes da criação do Sindicato, no início da dé cada de 70, a 13 de março de 1972 foi firmado um convê nio FAG (Fundação de Assistência ao Garimpeiro) e DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), sendo pu blicado no Diário Oficial da União, cujas origens esta vam na preocupação que a garimpagem gerava junto à FAG, DNPM e Ministério da Fazenda, através da Receita Fede ral e do Banco Central. Ficará evidente a necessidade de efetuar o cadastramento, orientar tecnicamente e fis calizar os garimpos para melhor aproveitamento dos bens minerais (LESTRA/NARDI, 1984: 164).

Esse convênio não passou de uma simples aliança entre órgãos. A FAG nunca foi uma entidade representati va dos garimpeiros. Tanto que em toda a nossa pesquisa de campo, nenhum garimpeiro se referiu a FAG.

A FAG foi criada dia 30 de outubro de 1957 e ti nha como objetivo apoiar socialmente a atividade garim peira, provendo melhorias à saúde, educação, habitação, alimentação, vestuário e previdência social dos contin gentes humanos envolvidos naquela atividade, além de de senvolver técnicas de pesquisa e extração de minérios, desbravando regiões "inóspitas" e estimulando o coope rativismo.

Na verdade, a FAG não conseguiu alcançar nenhum

desses objetivos acima, na área do Tapajós. Sua atuação nesses garimpos foi tão insignificante, que alguns informantes quando se referem a FAG relatam sempre o fracasso desse órgão.

"A FAG não foi bem administrada, ela desvirtuou a sua finalidade, e o garimpeiro só tomou prejuízo finalmente. Quem tomou prejuízo foram os garimpeiros, porque parte que eles tinham na cooperativa, nem isso eles receberam. Tudo eles perderam inclusive porque naquela altura a FAG administrava uma cooperativa do garimpeiro, e cada garimpeiro participava na época com mil cruzeiros, mil cruzeiros hoje é um milhão de cruzados. Uma cedulazinha daquela amarelinha, que ainda hoje circula valendo um cruzado, era a contribuição do garimpeiro, na época era muito dinheiro e nem esse mil cruzeiro deles eles receberam de reforço, porque foi tudo desviado.

(Entrevista nº 1)

Para o Presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Itaituba (setembro de 88), o fracasso da FAG nos anos 70 tem dificultado a organização dos garimpeiros.

"Existiu a FAG aqui, um órgão que veio aqui instituído através do governo com elementos sem base do que era um trabalho de garimpeiro, o que era um garimpeiro. Os seus doutores de gabinete lá de fora, seus militares reformados, etc... e tal que não tinha manuseio desse povo e começou a gastar o dinheiro sem programa. Pri

meiro o dinheiro do governo, depois entraram no do garimpeiro. Aí pegaram construíram um patrimônio depois abandonaram. O que aconteceu? Carregaram tudo que tinha aqui desse patrimônio e o garimpeiro ficou no prejuízo. Não devolveram nada, nada. Então o garimpeiro ficou escabriado, né? Bolas, hoje a gente criou um Sindicato mas você sabe quando um serviço vai à bancarrota que a gente quer levantar outro é meio difícil"

(Entrevista nº 35)

O SINDICATO

Após 1980, multiplicam-se os garimpos de ouro em toda Amazônia. O governo aproveitando a propaganda de Serra Pelada, o Ministério das Minas e Energia desenhou uma política para o ouro cuja orientação básica é o aumento da produção a curto prazo.

Em 1983, durante o I Encontro do Ouro, promovido pelo Ministério das Minas e Energia em Brasília é divulgado um documento no qual são traçadas as bases dessa política. O texto é aberto com o seguinte parágrafo: "Atualmente se tem consciência da dimensão que o setor de produção de ouro pode e deve ter no contexto das soluções hoje buscadas para a difícil situação social e econômica brasileira. Decorre daí que deverão ser adotados, imediatamente, procedimentos que conduzam, a curto prazo, a um aumento substancial da produção controlada

de ouro no País, manutenção deste aumento por prazo am
plo, bem como, rápida transformação das reservas estima
das em reservas medidas". Os procedimentos preconizados
são: gestão junto a grupos empresariais no sentido de
que estes se engajem na exploração do ouro; aumento ime
diato da produção nas concessões; estímulo à produção
garimpeira (SALOMÃO, 1984).

Um outro ponto destacado desta política é tam
bém informado ao final do texto oficial: "A facilidade
dada pelo DNPM à instalação de lavras a título experi
mental, deverá permitir a implantação, até o ano 1985,
de cerca de 50 novas unidades produtoras de porte médio,
com capacidade instalada entre 20.000 e 50.000m³" (SA
LOMÃO, 1984).

O estímulo à lavra e às facilidades junto ao
DNPM de registro permite o surgimento da figura do "ga
rimpeiro empresário" como os denomina SALOMÃO (1984), um
personagem exógeno com disponibilidade de capital para
imobilizar em máquinas e equipamentos destinados a au
mentar a produção.

Cresce o número destes "garimpeiros empresá
rios" nos garimpos da região principalmente do Tapajós.
O uso intensivo de máquinas transforma o cenário do ga
rimpo.

Por outro lado, as empresas de mineração também
procuram os garimpos e começam apropriar-se de áreas ga

rimpeiras com o aval do governo. Observa-se o aumento de conflitos entre estas empresas e os garimpeiros em todos os garimpos da região.

O governo no intuito de resolver a questão entre empresa/garimpo cria as reservas garimpeiras. Daí surge a reserva garimpeira do Tapajós, a maior reserva com cerca de 72% da área total. Nesta é importante considerar que, conquanto não existam ainda minas regulares, praticamente toda sua extensão está coberta por requerimentos e alvarás anteriores à Portaria de criação e cujos direitos são assegurados (SALOMÃO, 1984).

Vale salientar que as empresas de mineração articuladas politicamente, para se proteger têm formado equipes de seguranças particulares aumentando a possibilidade de choque armado.

Estes conflitos criaram um novo campo de lutas onde se destaca a emergência do Sindicato, como um importante ator no jogo de forças entre donos de garimpo e mineradora. Este Sindicato que aparecia como um instrumento de luta dos garimpeiros, na verdade não passava de uma estratêgia dos patrões para se protegerem das empresas de mineração. Para os garimpeiros, na relação que subordina estes aos patrões, o Sindicato não funciona; a finalidade específica é outra.

A compreensão da gênese da organização sindical dos patrões do garimpo e da composição da sua liderança

é suficiente para se vislumbrar os rumos que toma a partir daí, a luta dos "garimpeiros".

A constituição do Sindicato dos "garimpeiros" significou assim, um ponto de partida nas realizações da classe "patronal", engendrou uma entidade legal cujo objetivo implícito foi enfrentar as empresas de mineração.

Assim, o Sindicato apresenta-se como um elemento a mais na estrutura de poder dos donos de garimpo. O Sindicato pode ser utilizado como um instrumento importante de luta contra as mineradoras e pode ser utilizado também para reproduzir a ideologia da igualdade, ou simplesmente como mais uma forma de controle dos garimpeiros pelos donos de garimpo.

Dessa forma, repetem-se em nível sindical os mecanismos de manipulação que os donos de garimpo utilizam para manter o nível da dominação/subordinação vigente.

O próprio Presidente do Sindicato dos garimpeiros de Itaituba ressalta assim sua política:

"... Eu há tive aqui dentro dessa Região do Tapajós reunido com 200-300 garimpeiros numa pista e chegar dois avião de Polícia Federal pra expulsar garimpeiros de lá, manipulados por essas empresas de mineração que têm muito dinheiro. Chegar para expulsar os garimpeiros de lá

e eu tá lá com o pessoal e eles conversarem comigo... Eu queria que todo mundo aderisse a nossa manifestação, porque aqueles que não quizessem aderir, era o seguinte: porque é que ele tirava o sustento dele ou como peão ou como dono de maquinário?".

(Entrevista nº 43)

E mais:

"... A gente quer, gente, é o seguinte: é negociar. Agora eu não vou negociar com o doutor Antônio da Costa Feijão porque ele vai fazer um bocado de mapa como ele tava fazendo lá no CPRM e eu disse pra ele que eu não entendo de mapa, eu entendo de garimpagem. Ele vim dizer pra mim que se ele tiver uma casa e que se eu vou e faço uma casa no quintal da casa dele o que é que ele deve fazer? Ué? Se os garimpeiros tão aí ele foi fazer a casa dele lá. E quem é o doutor Antônio da Costa Feijão hoje? É um garimpeiro, assessor do Sindicato dos garimpeiros de Itaituba e assessor da USAGAL. Um dos maiores conhecedores da garimpagem na Amazônia".

(Entrevista nº 43)

Esse relato nos mostra as limitações do Sindicato, impostas pelos patrões. De qualquer forma, assume diante dos garimpeiros como órgão representativo, transformando-se no canal de legitimação para os patrões. Assim, embora o Sindicato nada represente para os garimpeiros como instrumento de luta reivindicatório, já para

os donos de garimpo é mais um elemento de poder.

Simultaneamente em todas as áreas de garimpo, os patrões foram se organizando em Sindicato e Associação como forma de protegerem seus interesses e com os mesmos mecanismos de manipulação dos garimpeiros, utilizando o discurso da ameaça das empresas de mineração.

No entanto, estes Sindicatos tinham força de forma isolada, tanto que os conflitos se mantiveram; politicamente, a nível de região, nenhum sindicato teria forças para barganhar coisa alguma.

Dessa forma, a melhor estratégia para os patrões seria criar um órgão que juntasse todos os sindicatos e associações da região, com forças políticas, não a nível local, mas a nível nacional.

A USAGAL

Os conflitos entre "garimpeiros" e mineradores se acirravam em toda região do garimpo. A USAGAL foi criada nesse clima e tinha como meta básica unir todas as forças, juntando os sindicatos e associações capazes de lutar pelos seus interesses, não mais só de confronto nas áreas de garimpo, porém num nível mais elevado, junto ao Governo Federal, junto aos constituintes, etc...

Pelo relato do atual Presidente da USAGAL podemos observar a criação e finalidade dessa entidade.

"Outra coisa também, quanto à USAGAL. Foi criada para trazer a unidade na classe, porque o garimpeiro é um homem que nunca quis se juntar em grupo porque toda vez que ele ia, era rechaçado. Então tornou-se necessário, com os problemas que houve em Madeira, no Pitinga no Amazonas, em Roraima, no Amapá, no Xingú em Alta Floresta tornou-se necessário criar uma entidade como a USAGAL. O José Altino seu grande mentor, um grande trabalhador, que não é para esquecer o nome desse homem, porque muitas vezes não só para os garimpeiros mas para toda Amazônia José Altino despertou: isso aqui é um gigante adormecido. José Altino lançou isso para o público e para o mundo. E partiu dos garimpeiros, dessas trilhas que houve aí, porque antes nós éramos... ficávamos em determinada região ao bel prazer das grandes mineradoras. E fizemos grandes conquistas na Constituinte que nos deu o direito de nos associarmos e cooperativar-nos. Nos botou na legalidade. E são conquistas que o José Altino conseguiu na frente do USAGAL".

(Entrevista nº 44)

Estas imagens entretanto, mesmo sugerindo uma relação dos "garimpeiros" com os políticos de todo tipo através da articulação do José Altino como líder, pressupõe a idéia da desigualdade social, isto é, de que os recursos estão monopolizados nas mãos de quem tem po

der. Por outro lado, atribuir poder e autoridade a USAGAL, abre a possibilidade de reconhecer que o movimento dos garimpeiros tem força, quando na realidade quem está realmente organizado são os patrões, que se estabeleceram como garimpeiros. Por sua vez, a nível das relações de trabalho, além da consciência do nível de exploração a que está submetido e do processo de intensificação do trabalho que vem sofrendo, o garimpeiro ainda não estabeleceu um enfrentamento com o capital. O seu cotidiano ainda é de muita ilusão e de muitos sonhos; não se vislumbrou uma organização se quer de garimpeiros contra patrões.

CONCLUSÃO

Não é por acaso que este trabalho recebeu o título de "BAMBURRADOS DO TAPAJÓS". A impressão que se tem quando se trata de garimpo, é que todos os garimpeiros bamburram. Essa é uma idéia incorporada, como condição essencial, pelos próprios garimpeiros.

O que se conta do garimpo? Muito ouro, muito dinheiro, muitas farras e muitas mulheres. Todos esses elementos compõem um quadro bem especial para a vida do garimpo. É justamente essa aparência de muita facilidade oferecida pelos patrões que revela um dos aspectos da natureza do garimpo que os garimpeiros tem dificuldade de exprimir.

Os garimpeiros são simultaneamente absorvidos pelo trabalho do garimpo e pelo fetichismo inerente a essa atividade: "É próprio do fetichismo o fato de não ser reconhecido enquanto tal, por seus praticantes (LEITE LOPES, 1978: 204).

Além disso, a heterogeneidade e a fluidez da camada que envolve esse grupo de trabalhadores; a violência dos mecanismos que os rejeitam e ao mesmo tempo os incorporam quando convém, lhes tolem a possibilidade de construir uma percepção consciente da própria miséria.

Essas histórias mistificadoras impedem que os garimpeiros enxerguem e compreendam suas potencialidades ao mesmo tempo em que propiciam aos outros, construir um juízo sólido a seu respeito. É assim que os patrões, articulados, podem tecer a ideologia de igualdade dentro do garimpo.

Por outro lado, também existe um elemento importante que reforça essa ideologia da igualdade: o ambiente de trabalho no garimpo. Patrões e garimpeiros vivem em confinamento; mesmo que o patrão não trabalhe no baixão, que durma na vila ao invés de barraco, ele está muito próximo do garimpeiro, o ambiente de trabalho os aproxima. A diferença está no trânsito deles: o patrão tem o avião, sai sempre do garimpo. O garimpeiro nem sempre. Essa aproximação tende a mascarar a figura do patrão. Sem a figura clara do patrão, como numa indústria a divisão de função, hierarquia e privilégios são elementos totalmente obscurecidos, facilitando a apropriação do resultado do trabalho do garimpeiro.

Assim, é indiscutível que os donos de garimpos são patrões, porém, é fortemente discutível o caráter moderno que se lhes pretendem atribuir. Podem ser encontrados vários argumentos que desmentem essa atribuição. Na relação de porcentagem que é comum nos garimpos do Tapajós, a relação de sócio dá uma idéia de sociedade justa, mas as relações sociais subjacentes ao garimpo e o seu caráter hostil sobre o garimpeiro, reforçam a visão obs

cura das relações que envolvem dono de garimpo e garimpeiro.

Assim, o fetichismo do ganho dos garimpeiros vem refletir indiretamente todas as contradições, objetivos da condição dos garimpeiros e da situação do seu mercado de trabalho. Tais contradições, ligadas ao caráter valorativo do ouro são reforçadas pelo controle ideológico dos patrões sobre os garimpeiros, dificultam as reivindicações coletivas em relação ao ganho e às condições de trabalho.

No entanto, deve-se levar em conta que à primeira vista os garimpeiros parecem ser prisioneiros da ideologia dominante do garimpo. Entretanto, o que nos pareceu é que a ida para o garimpo não se esgota numa simples alternativa de trabalho. A ida para o garimpo implica em questões mais abrangentes, implica até na hipótese de morte.

É nesse contexto de mistificações (característica da atividade de garimpeiros resultante de formas peculiares de apropriação e dominação) que prossegue o garimpeiro no seu dia a dia sem que se vislumbre melhores dias, numa guerra ininterrupta ora franca, ora disfarçada (Manifesto Comunista, 1848).

REFERÊNCIAS SOBRE OS ENTREVISTADOS

- Nº 1 - Antigo morador de Itaituba, 58 anos. Foi seringa lista, ex-prefeito de Itaituba, instrução primária, paraense.
- Nº 2 - Antigo garimpeiro, 57 anos. Foi soldado da borracha, aposentado pelo FUNRURAL, semi-analfatebo, paraense.
- Nº 3 - Antigo morador de Itaituba, 58 anos. Ex-funcionário do Alto Tapajós, aposentado pela Prefeitura, instrução primária, paraense.
- Nº 4 - Foi soldado da borracha, 57 anos. Padeiro, instrução primária, riograndense do norte.
- Nº 5 - Foi soldado da borracha, 66 anos. Ex-garimpeiro, vigia, semi-analfabeto, cearense.
- Nº 6 - Foi soldado da borracha, 66 anos. Ex-garimpeiro, ex-agricultor, semi-analfabeto, paraibano.
- Nº 7 - Foi soldado da borracha, 74 anos. Ex-garimpeiro, aposentado pelo FUNRURAL, analfabeto, cearense.
- Nº 8 - Antiga dona de pensão, 75 anos. Aposentada, semi-analfabeta, estrangeira (Guiana Francesa).

- Nº 9 - Descobridor do ouro no Tapajós, 55 anos. Deputado Estadual, amazonense.
- Nº 10 - Foi soldado da borracha, 73 anos. Ex-garimpeiro, ex-lavrador, aposentado pelo FUNRURAL, semi-analfabeto, cearense.
- Nº 11 - Foi soldado da borracha, 74 anos. Ex-garimpeiro, aposentado pelo FUNRURAL, semi-analfabeto, cearense.
- Nº 12 - Foi soldado da borracha, 65 anos. Ex-garimpeiro, aposentado pelo FUNRURAL, analfabeto, paraibano.
- Nº 13 - Foi soldado da borracha, 66 anos. Ex-garimpeiro, aposentado pelo FUNRURAL, analfabeto, paraense.
- Nº 14 - Foi soldado da borracha, 65 anos. Ex-garimpeiro, aposentado pelo FUNRURAL, analfabeto, paraense.
- Nº 15 - Garimpeiro porcentista, 20 anos. Analfabeto, maranhense.
- Nº 16 - Garimpeiro porcentista, 25 anos. Analfabeto, maranhense.
- Nº 17 - Garimpeiro porcentista, 27 anos. Analfabeto, piauiense.

- Nº 19 - Dono de garimpo, 40 anos. Instrução primária, maranhense.
- Nº 20 - Garimpeiro porcentista, 30 anos. Semi-analfabeto, cearense.
- Nº 21 - Autônomo, dono de máquina, 30 anos. Instrução primária, maranhense.
- Nº 23 - Garimpeiro porcentista, 26 anos. Analfabeto, ma ranhense.
- Nº 26 - Dono de Garimpo, 40 anos. Instrução primária, ma ranhense.
- Nº 30 - Dono de garimpo, 55 anos. Instrução primária, paraense.
- Nº 31 - Garimpeiro porcentista, 30 anos. Analfabeto, ma ranhense.
- Nº 32 - Garimpeiro porcentista, 22 anos. Analfabeto, ma ranhense.
- Nº 33 - Autônomo, dono de balsa, 30 anos. Semi-analfabeto, cearense.
- Nº 34 - Garimpeiro porcentista, 25 anos. Analfabeto, ma

ranhense.

Nº 35 - Presidente do Sindicato dos Garimpeiros do Tapajós, 36 anos. Nível médio, baiano.

Nº 37 - Autônomo, dono de máquina, 32 anos. Instrução primária, paraense.

Nº 38 - Dono de garimpo, 40 anos. Instrução primária, baiano.

Nº 40 - Dono de máquina, 35 anos. Instrução primária, paraense.

Nº 41 - Dono de garimpo, 40 anos. Nível médio, abaiano.

Nº 43 - Presidente do Sindicato dos Garimpeiros do Tapajós, 36 anos. Nível médio, baiano.

Nº 44 - Presidente da USAGAL, 45 anos. Instrução primária, mineiro.

GLOSSÁRIO

- **ALUVIÃO**:- Depósito de cascalho, areia e argila que se forma ao longo das drenagens (rios, igarapés, grotas, etc...).
- **BAIXÃO**:- Área de aluvião de onde é efetuada a garimpa; local de trabalho dos garimpeiros.
- **BALSA**:- Equipamento flutuante motorizado utilizado na dragagem do leito dos rios mais profundos.
- **BAMBURRO OU BAMBURRAR**:- Encontro eventual de grande quantidade de minério, ou seja, ouro, o que traz fortuna imediata ao garimpeiro.
- **BARRANCO**:- Escavação do aluvião de onde faz-se a remoção da parte estéril para extrair o ouro e é localizado no aluvião.
- **BICO-JATO**:- Equipamento motorizado, dotado de mangueiras, que produz jatos d'água sob pressão para o desmancho dos barrancos.
- **BOCOJATEIRO**:- Aquele que trabalha no bico-jato.
- **BLEFO OU BLEFAR**:- Oposto de bamburro, infortúnio.

- **BRABO:**- Aquele garimpeiro que ainda não aprendeu o trbalho da garimpagem.
- **CHUPADEIRA:**- Máquina de sucção usada para extrair o minério.
- **COBRA FUMANDO:**- Equipamento rudimentar de madeira, dotado de riffles em sua base para a retenção do ouro.
- **CATADOR DE PEDRAS:**- Aquele garimpeiro que separa as pedras maiores que ocorrem no cascalho, antes de beneficiar o ouro.
- **DEBREAR:**- Desmontar o barranco; é tirar a cobertura vegetal e solo estéril até chegar ao cascalho.
- **DESMONTE:**- Derrubar o barranco com o bico-jato, para ser levado para caixa ou a retirada do solo com a bomba.
- **DESPESCAGEM:**- É o ato de tirar a sarrapilha da cobra 'fumando onde está o material concentrado incluindo o ouro, antes da apuração.
- **DIARISTA:**- Garimpeiro que não faz parte da equipe, é contratado para executar tarefas variadas no garimpo.

- **GERENTE DE MÁQUINAS:**- Garimpeiro líder da equipe responsável pela manutenção das máquinas do patrão.
- **GROTA:**- Igarapé onde ocorre o ouro e a garimpagem.
- **LAGRESAR:**- É a rocha alterada, localizada abaixo do cascalho.
- **LAVRA:**- Mineração em escala industrial.
- **MANSO:**- Aquele garimpeiro que já aprendeu todos os trabalhos da garimpagem.
- **MARACA:**- Equipamento que fica na extremidade da mangueira para fazer a sucção do cascalho nas chupadeiras em balsas.
- **MARAQUEIRO:**- Que opera a maraca.
- **MEIA-PRAÇA:**- Sociedade entre o dono de uma área e um grupo de garimpeiros na qual fica estabelecida a repartição da produção que na maioria das vezes é rateada na proporção de 50% para o dono (patrão) e 50% para os garimpeiros.
- **PATRÃO DE GARIMPO:**- "Dono de garimpo" ou "dono de serviço"; proprietário da área que contrata garimpeiros para operar suas máquinas na extração do ouro.

- **PORCENTAGEM:**- Sociedade entre o dono de um garimpo e uma equipe de garimpeiros onde o patrão pode ficar com 70% da produção. O garimpeiro só contribui com sua força de trabalho, não possuindo nem as ferramentas mais simples; o mesmo que sócio.

- **RALEIRO:**- Garimpeiro que opera um ralo colocado sobre uma parte da cobra fumando para separar os blocos maiores de cascalhõ.

- **VARAR:**- Sair em outro garimpo pela mata, caminhando; a bandonar um garimpo e sair ã procura de outro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno et alii. Os garimpos na Amazônia como Zona Crítica de Conflito e Tensão Social. **Pará Desenvolvimento**, (19): 3-10, Belém, jan/jun. 1986.
- ALVES, Francisco E. Um novo modelo de garimpo. **Brasil Mineral**, (6): 9-11, maio 1984.
- AMIN, Samir & VERGOPOULOS, Kostas. **A questão agrária e o capitalismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- BRASIL. DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL. Código de mineração e legislação correlativa. Ed. Rev. por Humberto de Carvalho Matos - Brasília, Divisão de Fomento da Produção Mineral, 1987.
- BRASIL. MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA. DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL. DIVISÃO DE FOMENTO DE PRODUÇÃO. **Geologia básica e econômica da Região do Médio Tapajós**. Rio de Janeiro, 1966.
- BRITO, Apolonildo. O lado oculto de Serra Pelada. **Enfoque Amazônico**, (4): 12-14, Belém, 1987.
- CATHARINO, José Martins. **Garimpo Garimpeiro Garimpagem**. Rio de Janeiro, Philobiblion, 1986.

- COELHO, N.C.R.A. **Relação entre o Garimpo e estrutura fundiária: o exemplo de Marabá. Pará Desenvolvimento**. Belém, (12): 20-24, jun. 1986.
- DNPM/CPRM. **Projeto Ouro e Gemas**. Relatório anual. Pará, p. 4-7, 1986, mimeo.
- EMMI, Marília. **A Oligarquia do Tocantins e o Domínio dos Castanhais**, Belém. Igarapé. 1988.
- ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro, Global, 1986.
- FERNANDES Jr., Ottoni. **Brilho Dourado da Crise. Isto é**. São Paulo, 25.03.88.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censo Demográfico do Pará, 1960/1970**.
- GABEIRA, Fernando. **Garimpo luta sob as águas do Madeira. Folha de São Paulo**, S. Paulo, p.21, 2º cad. 24. 04.88.
- Os GARIMPOS fizeram a reforma mineral na Amazônia. **Jornal do Brasil**, 1º cad. p.12. 15.11.87.
- GOMES, Laurentino. **A lei do Garimpo. Veja**. 7.10.85.

- GOMES, Laurentino. O Ataque ao Tesouro. *Veja*, 06.11.85.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- GROSSY, Yonne de Souza. *Mina de Morro Velho a Extração do Homem: uma história de experiência operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- A GUERRA, do Ouro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21.2.88, cad. B. Especial, p.6.
- GUERREIRO, G.S. Garimpagem de Ouro na Amazônia: reflexos econômicos, sociais e políticos; In: ALBUQUERQUE, R.S., org. *Em Busca do Ouro*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.
- GUIMARÃES, G. Garimpo do Tapajós. Relatório de Viagem DNPM, *Projeto estudo dos garimpos brasileiros*. Brasília, 1982.
- HEBETTE, Jean et alii. Como repensar o garimpo na Amazônia. *Pará Desenvolvimento*. Belém, (19): 25-26, jun. 1986.
- ————. *Uma Política Mineral para a Amazônia: o que fazer com nossos recursos minerais?* Belém, 1985.mimeo.

- IANNI, Otávio. **A luta pela terra**. Petrópolis, Vozes, 1978.
- INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO PARÁ. Setor Mineral. Autorização de Pesquisa e Concessões de Lavra do Pará. Belém, 1986.
- ITAITUBA, e o tempo da borracha. **Programa da Festa de Sant'Ana**. Itaituba, 1977. p. 21-22.
- ITAITUBA e os garimpos nas vidas dos garimpeiros. **Programa da Festa de Sant'Ana**. Itaituba, 1977. p. 19-21.
- KOTSCHO, Ricardo. **Serra Pelada: uma ferida aberta** na selva. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LAZARIN, M.A. e RABELO, F.C. Garimpos no Nordeste de Goiás; In: ALBUQUERQUE, R.G., org. **Em busca do Ouro**. Rio de Janeiro, marco Zero, 1984.
- LEANDRO, P. Garimpos do Rio Tapajós. Belém, DNPM, 5º Distrito, 1969. 23p. mapa/at. D6 M nº 2059.
- LEITE LOPES, José Sérgio. **Vapor do Diabo**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
- LUCAS, José. **S.O.S. homens do campo**. São Paulo, Kai

rós, 1984.

- LESTRA, A.D. e NARDI, J.I.S. **O ouro da Amazônia Oriental: o mito e a realidade.** Belém, GRAFISA, 1984.
- MARTINS, A.L. **Breve História dos Garimpos de Ouro do Brasil;** In: ALBUQUERQUE, R.G., Org. **Em Busca do Ouro.** Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1983.
- MARX, Karl. **Capítulo VI Inédito de O Capital; resultados do processo de produção imediata.** São Paulo, MORAES, 1985.
- ————. **O capital.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. Livro I, II.
- MELLO E SOUZA, L. **Desclassificados do Ouro: a pobreza mineira no século XVIII.** Rio de Janeiro, GRAAL, 1986.
- MENDONÇA, F. **A história de Itaituba,** In: Programa da Festa de Sant'Ana, Itaituba, 1977.
- **O OURO Submerso da Amazônia. Roteiro do Filme.** Itaituba, 1985.

- PALMQUIST, S. Serra Pelada: A outra face do Eldorado. **Pará Desenvolvimento**. Belém, (19): 63-39, jun, 1986.
- PEÕES E GARIMPEIROS. Terra e Trabalho na Amazônia. **Cadernos do CEDI**, Rio de Janeiro, (11): 33-47, jun, 1983.
- PEREIRA, L., org. **Populações Marginais**. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- PINTO, Lúcio Flávio. O que falta no garimpo, **Jornal O Liberal**. Belém, 30.10.85.
- ———. Dúvidas da Serra. **O Liberal**, Belém, 30.10.85.
- ———. Jogo do Submundo. **O Liberal**, Belém,
- ———. Ouro: a guerra suja. **Jornal Pessoal**. Belém, (9): 1-5, jan, 1988.
- ———. Houve um Genocídio? **Jornal Pessoal**. Belém, (10): 1-5, jan, 1988.
- ———. **Carajás, o ataque ao coração da Amazônia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982.
- PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1971.

- PRADO JÚNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, Brasiliense, 1973.
- PROCÓPIO FILHO, A. A miséria do colono e o ouro no Araguaia e Amazônia; In: ALBUQUERQUE, R.G., org. **Em busca do ouro**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.
- A QUESTÃO MINERAL. **Pará Desenvolvimento**. Belém, (19) : jan./jun, 1986.
- QUIJANO, Anibal. Estrutura Urbana e Marginalidade Social; In: PEREIRA, L., org. **Populações Marginais**. São Paulo. Duas Cidades, 1978.
- SALOMÃO, E.P. O Ofício e a Condição de Garimpar. In: ALBUQUERQUE, R.G., org. **Em busca do ouro**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1984.
- ————. A Força do Garimpo. **Rev. Bras. de Tecnologia**, Brasília, 13(2): 13-20, abr/mai. 1982.
- ————. Garimpos do Tapajós: uma análise da morfologia e da dinâmica da produção. **Ciência da Terra**(1): 38-45, nov/dez, 1981.
- ————. O começo do fim de um conceito. **Ciências da Terra** (8): 33-39, jan/fev, 1983.

- SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do Vinho, estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital.** São Paulo, Hucitec, 1984.
- SIGAUD, Ligia. **Os clandestinos e os Direitos;** estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco. São Paulo, Duas Cidades, 1979.
- SILVA, A.R.B. da. **Projeto Ouro do Tapajós,** relatório de viagens. Belém, DNPM, 5º Distrito, 1980. 16 p. il. anexos.
- SORJ, Bernardo. **Estado e Classes Sociais na Agricultura Brasileira.** Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- SOUZA MINAYO, M.C. **Os Homens de Ferro:** estudo sobre os trabalhadores do Vale do Rio Doce. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.
- VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária;** estudo do processo de penetração numa área da TRANSAMAZONICA. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____. **Capitalismo autoritário e campesinato.** Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.